



Francisco Bandeira



MAUC
PARA COLORIR



caderno de ilustrações
edição semana da consciência negra



2020

Francisco Bandeira

MAUC PARA COLORIR

**caderno de ilustrações
edição semana da consciência negra**

2020

FICHA TÉCNICA

Idealização

Graciele Siqueira

Coordenação do Projeto

Helem Cristina Ribeiro de Oliveira Correia

Ilustração

Francisco Antonio Araujo Bandeira

Design e Diagramação

Marília Bezerra de Freitas Silva

Colaboração

Auricélia França de Sousa Reis

Kathleen Raelle Silveira

Juliana Maria Fernandes de Almeida

Maria Carlizeth da Silva Campos

Maria Júlia Ribeiro

Saulo Moreno Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Juliana Maria Fernandes de Almeida CRB-3/1336

B164m Bandeira, Francisco.

MAUC para colorir: caderno de ilustrações edição edição semana da consciência negra / Francisco Antônio Araújo Bandeira. – Fortaleza : MAUC, 2020.
41 p. : il. ; 21 x 29 cm.

Caderno de ilustrações para colorir do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará – MAUC / UFC.

1. Arte. 2. Museu. 3. Livros para colorir. I. Museu de Arte da UFC. II. Bandeira, Francisco Antônio Araújo. III. Título.

CDD 741.642

Apresentação

Olhamos para frente e observamos que estamos a um mês do Natal e de um novo ano. O ano de 2020, foi um ano diferente! Nossos sentimentos e emoções foram colocados em teste; a saúde pública entrou em colapso no mundo; as instituições públicas e privadas fecharam suas portas; e o preconceito estrutural e velado foi explicitado na mídia e nos ambientes sociais.

Vimos em junho, o mundo parar diante de imagens de um homem negro que foi morto enquanto pedia por ajuda e era filmado por transeuntes nos Estados Unidos. Vimos também um menino, aqui no Brasil, morto de forma inexplicável dentro da sua casa. Vimos ainda, de forma mais evidente nesta pandemia, o quanto a desigualdade social cresce e marca a vida dos nossos jovens negros e periféricos.

Sabemos que estes não os primeiros ou últimos casos, outros aconteceram e outros acontecerão ainda, infelizmente! Diante disso, um museu público, de arte, pertencente a uma universidade brasileira, busca formas de dar voz e voz a estes grupos tão marginalizados e “esquecidos” e de fazê-los presentes em nossa programação. No dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, o Brasil discute e enfatiza o papel do negro em nossa sociedade e o Mauc lança o seu caderno de colorir dedicado a este povo sofrido, guerreiro e que constituem a base do nosso país.

Nesta edição, Francisco Bandeira, artista afrodescendente, relê e dá formas e traços a símbolos desta cultura milenar e ancestral e nos faz refletir para reforçar diariamente: Vidas Negras Importam! Mais uma vez, nosso colega de trabalho e artista visual, presenteia o Mauc, os pais e responsáveis, os filhos, os professores, os alunos, os idosos com um caderno de Ilustrações para colorir ou para bordar (quem sabe!!!). Neste Caderno de Ilustrações para Colorir do Mauc, com 33 desenhos e vamos encontrar e colorir anjos e figuras humanas inspiradas pelo tema. À convite de Francisco Bandeira, esta edição também conta com um texto do artista plástico Nauer Spíndola.

Baixem e coloquem cores por meio dos lápis, dos gizes, dos guaches, das linhas nestes desenhos! Aproveitem este momento e conversem com seus filhos, familiares e amigos sobre, racismo, preconceito e cultura africana.

**Graciele Siqueira e Helem Ribeiro
Idealizadora e Coordenadora do Projeto**

Colorir, refletir, transformar

Colorir é lançar cores sobre certa superfície. É dar vida e alma ao desenho, no caso de nosso Caderno de Colorir. É também preencher de subjetividades os espaços vazios e brancos. As cores, tão importantes em tudo na nossa vida, também são marcadores sociais de exclusão, preconceito e desigualdade. Há uma construção histórica e social de longa data que associa tudo que é bom e belo ao branco, ao claro, enquanto ao escuro, ao negro, são sempre atribuídas qualidades negativas, pejorativas, e tal aspecto contamina nossa existência, espraia-se em nossa linguagem e nos modos como nos construímos como pessoas em uma sociedade marcada pelo racismo, pela exclusão e pela violência.

Francisco Bandeira, nosso colega artista e arte-educador, coloca a sua arte à serviço da construção de novas formas para colorir. Ele apresenta neste caderno uma estética que se afasta do ideal de branqueamento que marca as produções culturais em nossa sociedade, que se consolida nos materiais didáticos e que se aprofunda em múltiplos níveis, colaborando para a perpetuação de um modelo que em nada se alinha à nossa gente, à sua diversidade cromática e às nossas identidades. Assim como o Mestre Griô Descartes Gadelha, ele apresenta aqui anjinhos negros, de cabelos crespos e vibrantes. Assim como Antônio Bandeira, seu tio, faz da sua produção artística uma forma de contribuir com novas reflexões sobre as representações sociais, sobre os limites que são postos e colocados para pessoas negras em um país tão marcadamente excludente, violento e forjado sobre as bases do escravismo e do colonialismo.

Refletir sobre os corpos, sua diversidade, sobre a beleza que não cabe no olhar e nos padrões da estética europeia e daquela europeizada, branca, é mais do que urgente, é um movimento imprescindível para toda a sociedade brasileira, visto que as imagens nos constroem e nos marcam de diferentes modos e maneiras. Os movimentos sociais negros e indígenas, há séculos, vêm resistindo aos apagamentos e ao embranquecimento. Neste Caderno de Colorir, te convidamos a romper com o branco das páginas, enegrecendo nossos personagens, colorindo-os a partir de um olhar que questione a brancura e de que modo ela violenta, sufoca, elimina e anula nossa sociobiodiversidade.

Nestes tempos pandêmicos que atravessamos, urge imaginar novas formas de vida em que pessoas não sejam violadas em seus direitos fundamentais por conta da cor de sua pele, por sua origem ou qualquer outro marcador. Que esta nova publicação que o Mauc oferece ao seu público possa alcançar mais e mais pessoas e que sirva para refletirmos sobre a nossa diversidade sociocultural, movendo-nos a colorir mais e mais os nossos dias. Que ampliemos a nossa paleta, incorporando nela nossas existências plurais, culturalmente vibrantes, em movimentos e gestos que contribuam para a transformação social, pois no aqui e agora podemos imaginar e sonhar novos mundos, multicoloridos e dignos para todas e todos.

Saulo Moreno Rocha
Núcleo Educativo do Museu de Arte da UFC

Caderno Afro

O que nos faz seres humanos é sermos todos possuidores de uma mesma quantidade de cromossomos. Sendo assim, as pequenas mutações que ocorrem na espécie humana, embora apresentem diferenças quanto a cor dos olhos, cabelos, pele, ou outras mais, não faz nem um ser melhor do que outro.

Durante milênios os humanos conviveram com suas diferenças biológicas, sendo a escravidão resultante da dominação de um povo após sua conquista, do comércio de pessoas ou por dívidas, não sendo a origem nem a cor associada a inferioridade racial.

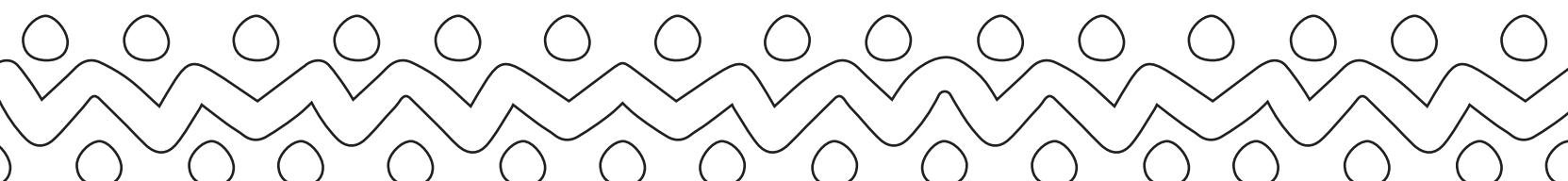
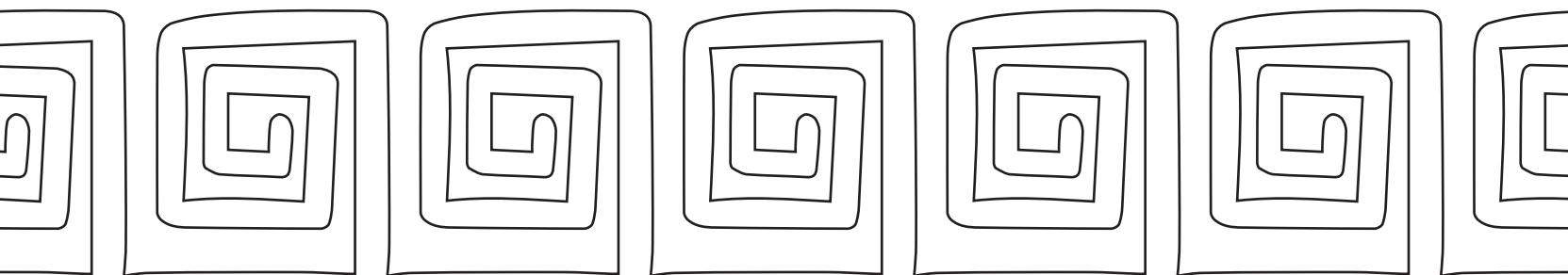
Foi a exploração marítima européia em busca de novas terras, riquezas, comércio e mão-de-obra, e o colonialismo, que para melhor explorar “os não brancos” passaram a considerá-los como povos inferiores. Entre esses povos os negros, que habitavam o que hoje é denominado de África, são os que mais sofreram e sofrem esse estigma.

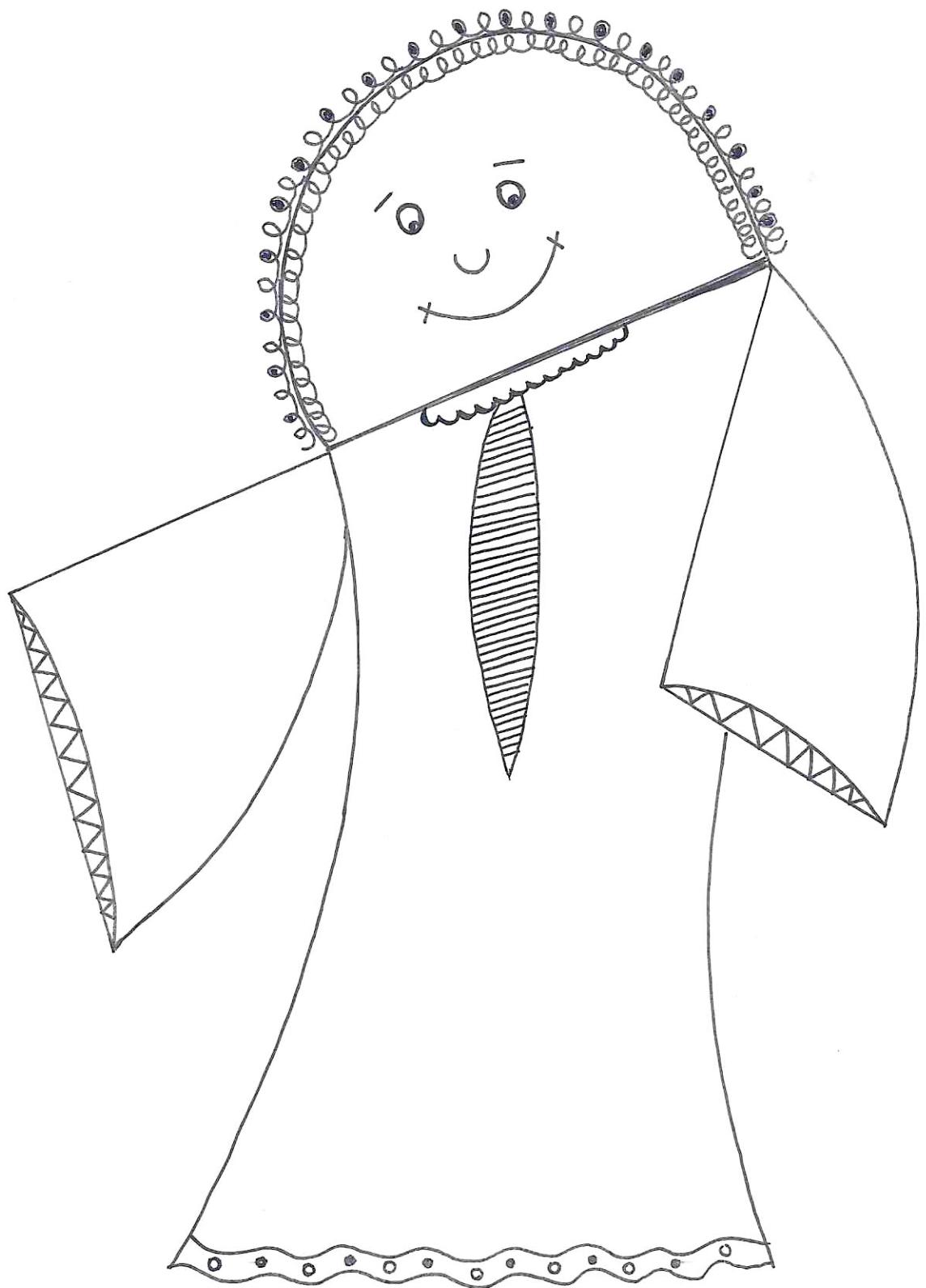
No mês da Consciência Negra, o Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará na pessoa da sua Diretora Graciele Siqueira e do artista Francisco Bandeira merecem os parabéns pela produção do belo Caderno Afro, para colorir, onde podemos ver nos desenhos que o compõem a preocupação de levar a uma reflexão sobre a participação dos negros no mundo em que vivemos.

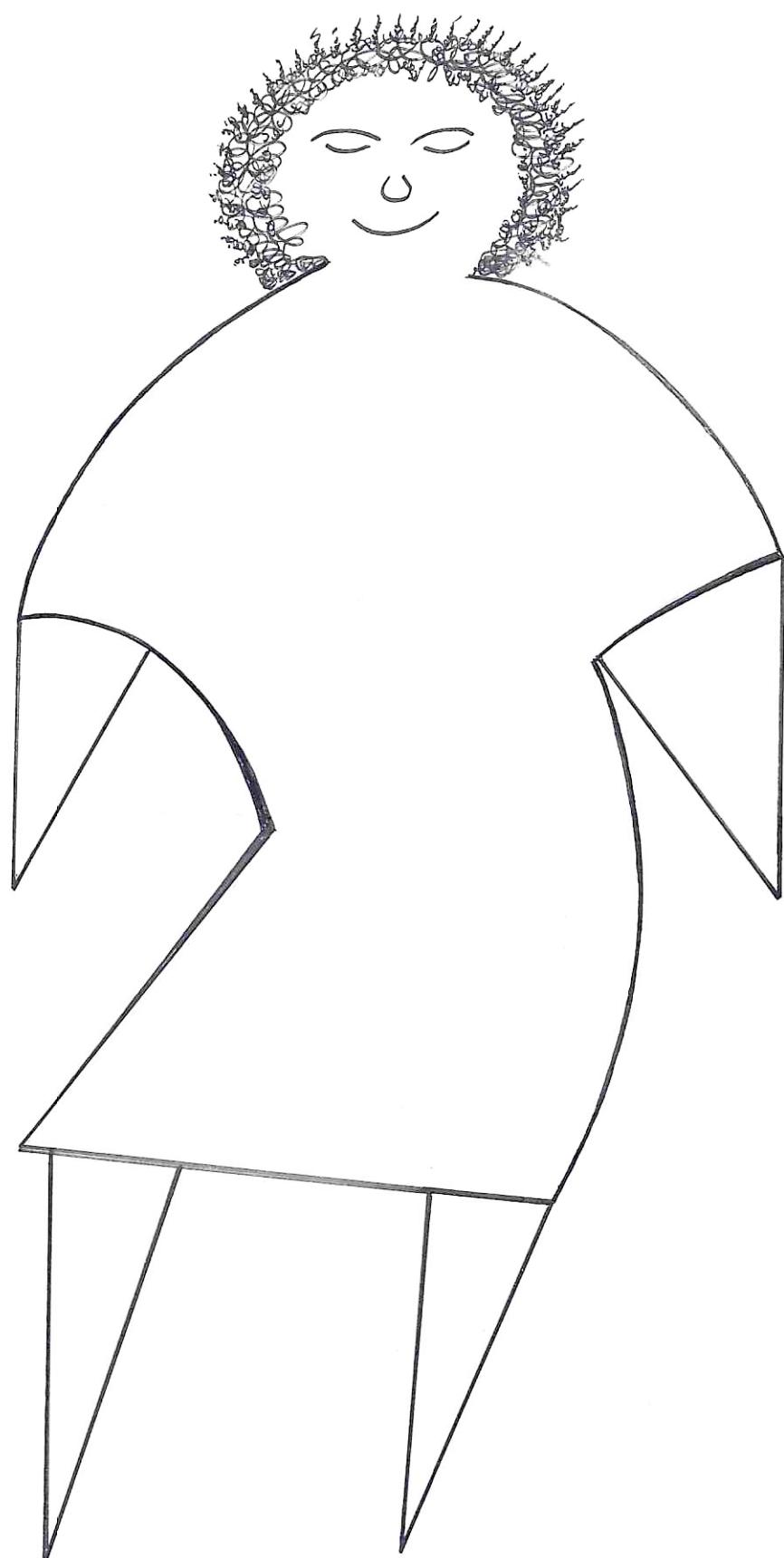
Os anjinhos negros nos remetem as representações iconográficas do cristianismo inicial, onde todas as figuras religiosas (Jesus, Maria, Santos e Anjos) eram de pele escura. Sendo assim, nada mais natural que entre os anjos atuais continuassem também a ser apresentados os anjos de pele escura, pois o mundo é diverso. Os palhaços negros, principalmente dos pequenos circos, que tantas alegrias ainda trazem a crianças e adultos, foram também lembrados no Caderno Afro, pois por baixo da pintura facial do palhaço quase sempre encontraremos uma pele escura. Encontraremos também os jovens negros presentes no Caderno Afro, onde os vemos apresentados em seus modos de vestir de tal maneira que nos permite constatar a ascenção econômica dos negros, fato que o mercado consumidor do Brasil, onde a maioria da população é negra, não deu ainda tanta importância.

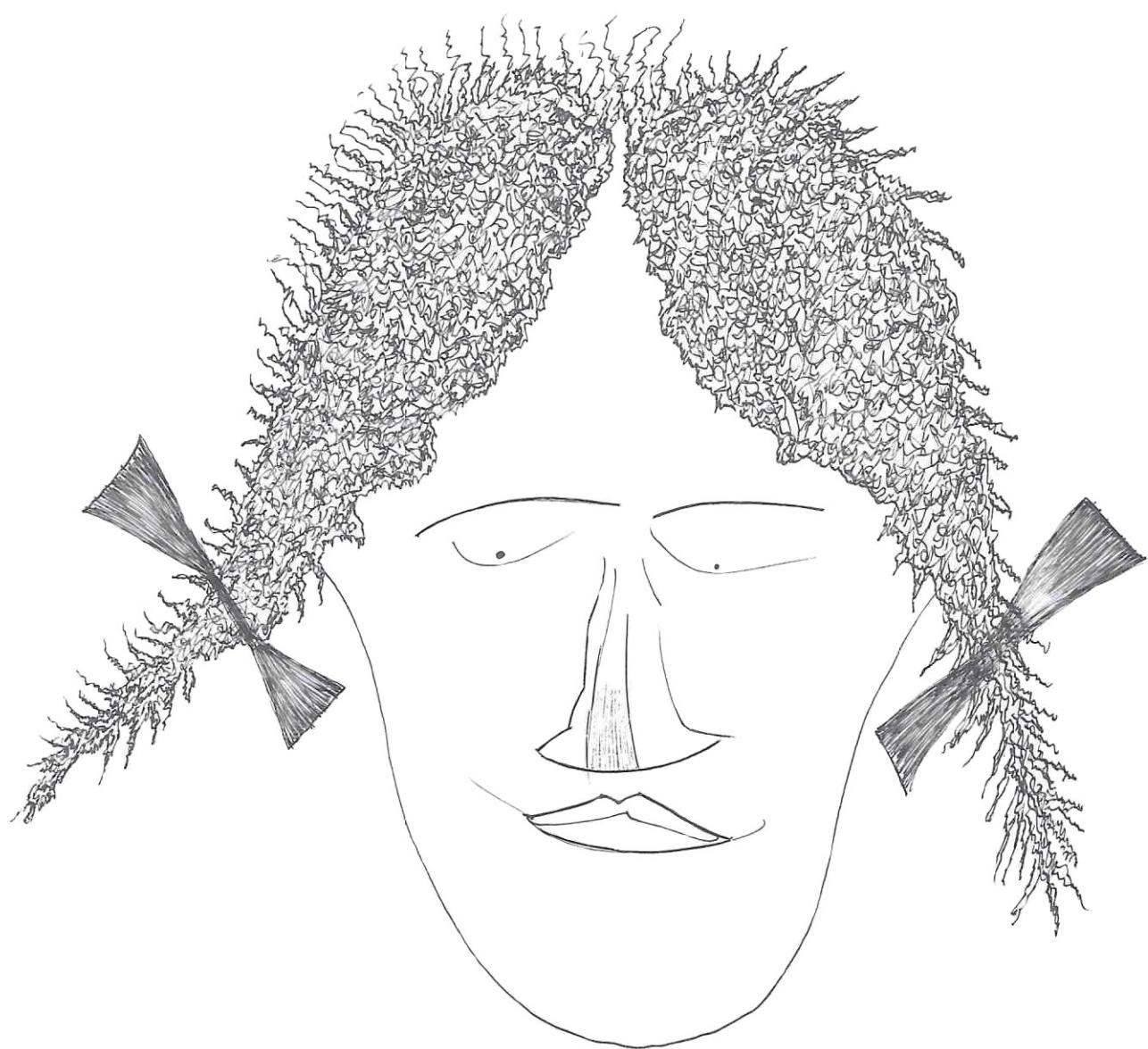
Um caderno perfeito para levar a refletir sobre a sociedade que vivemos e conscientizar sobre a igualdade entre todos os seres humanos.

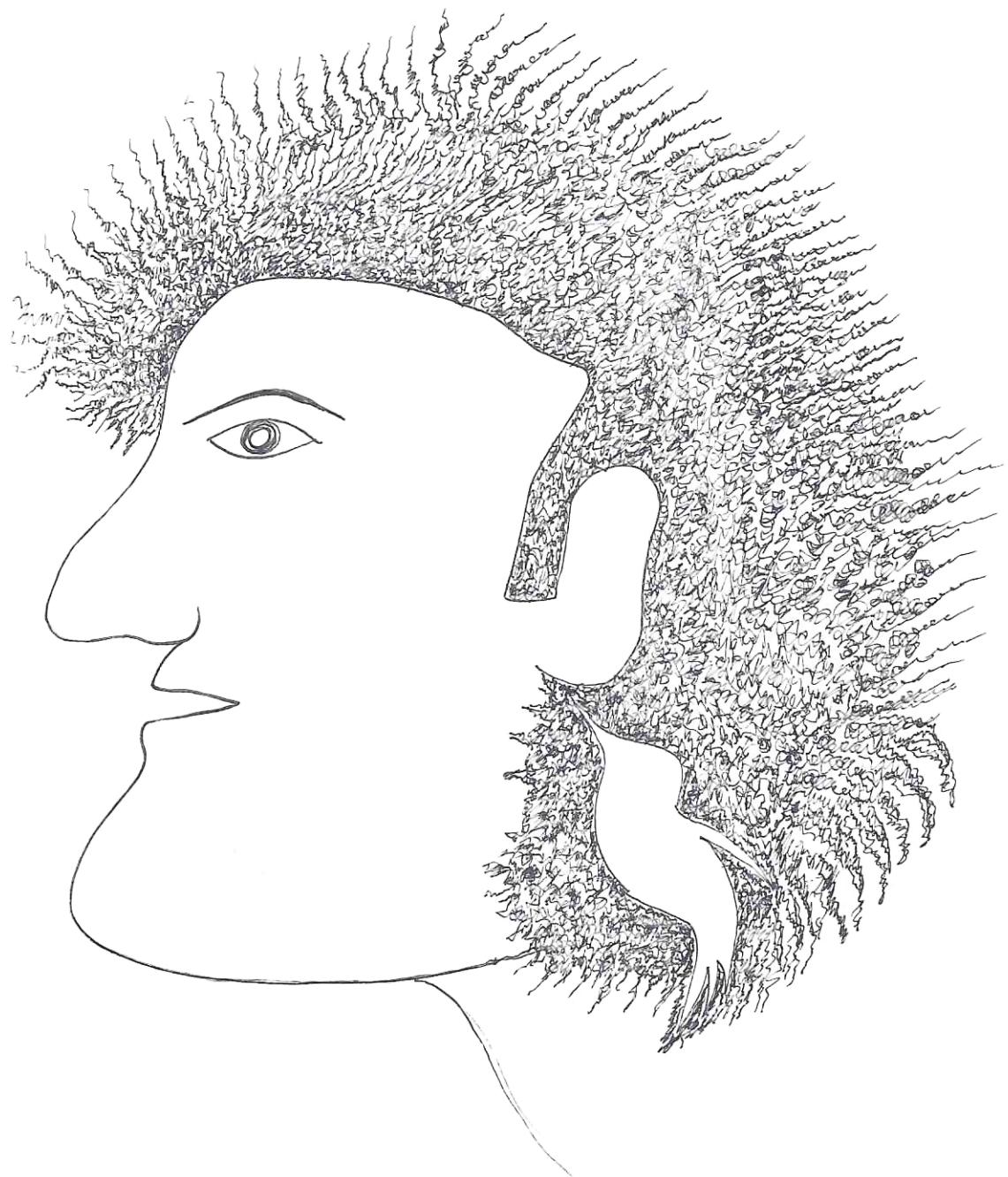
Nauer Spíndola

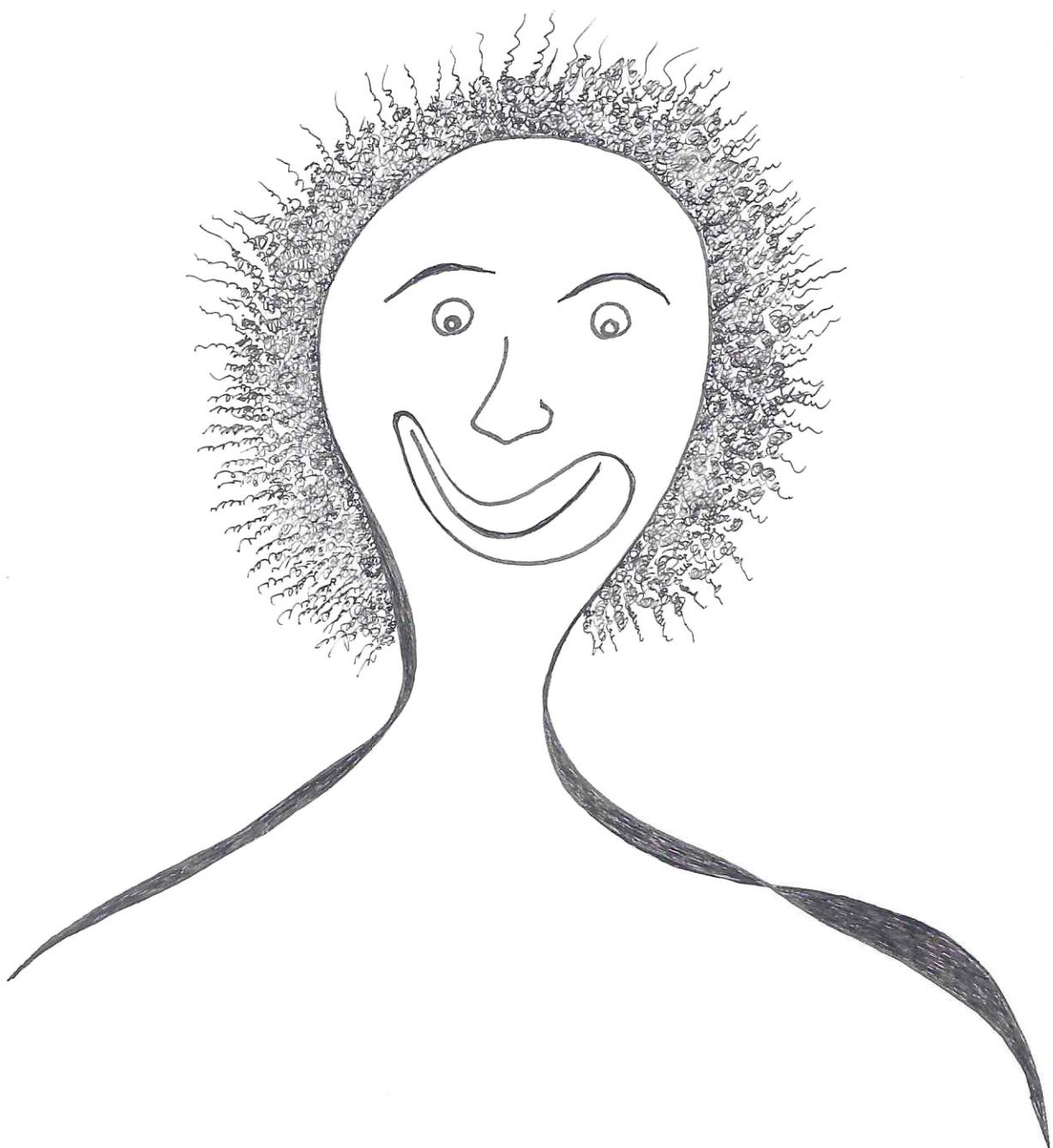




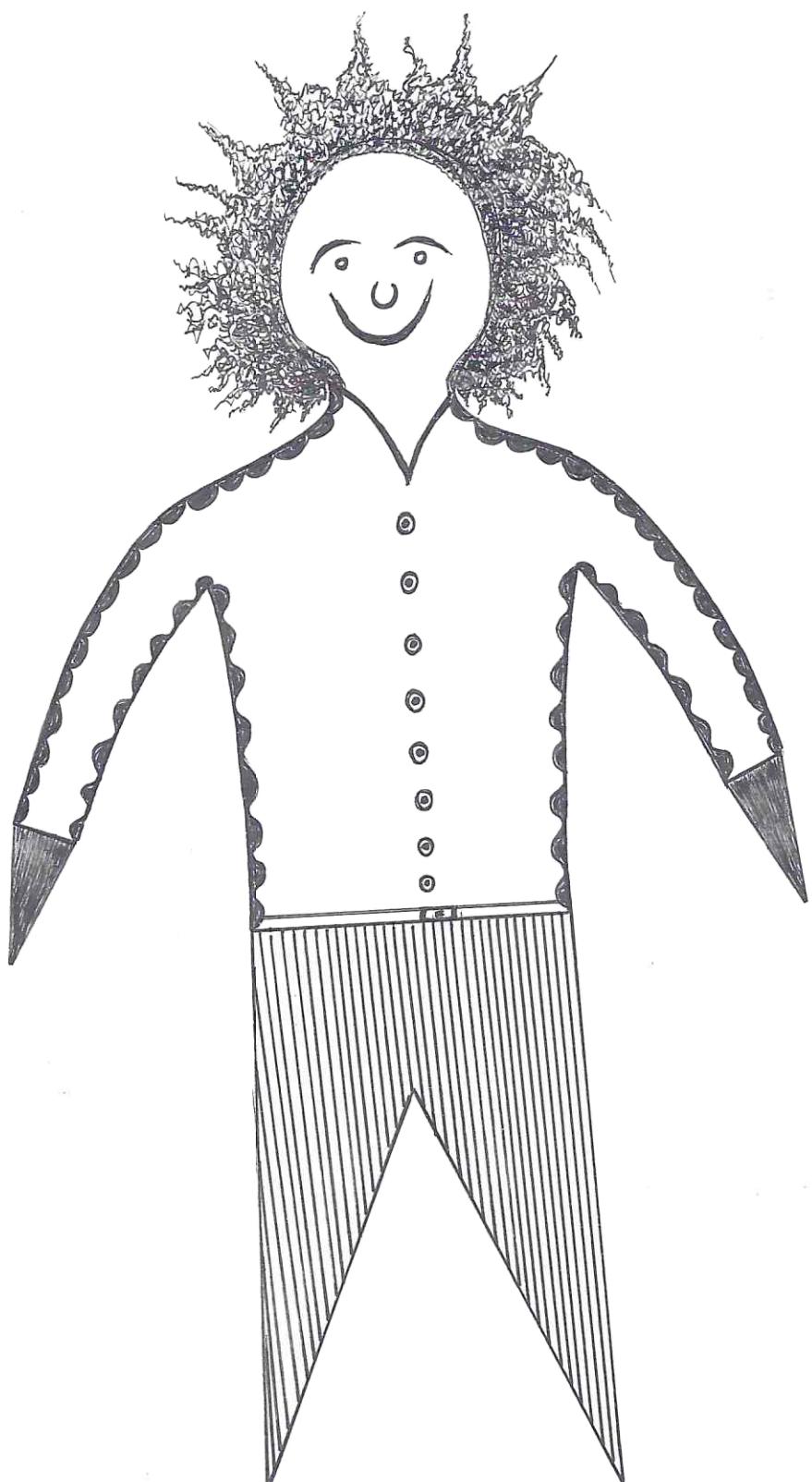




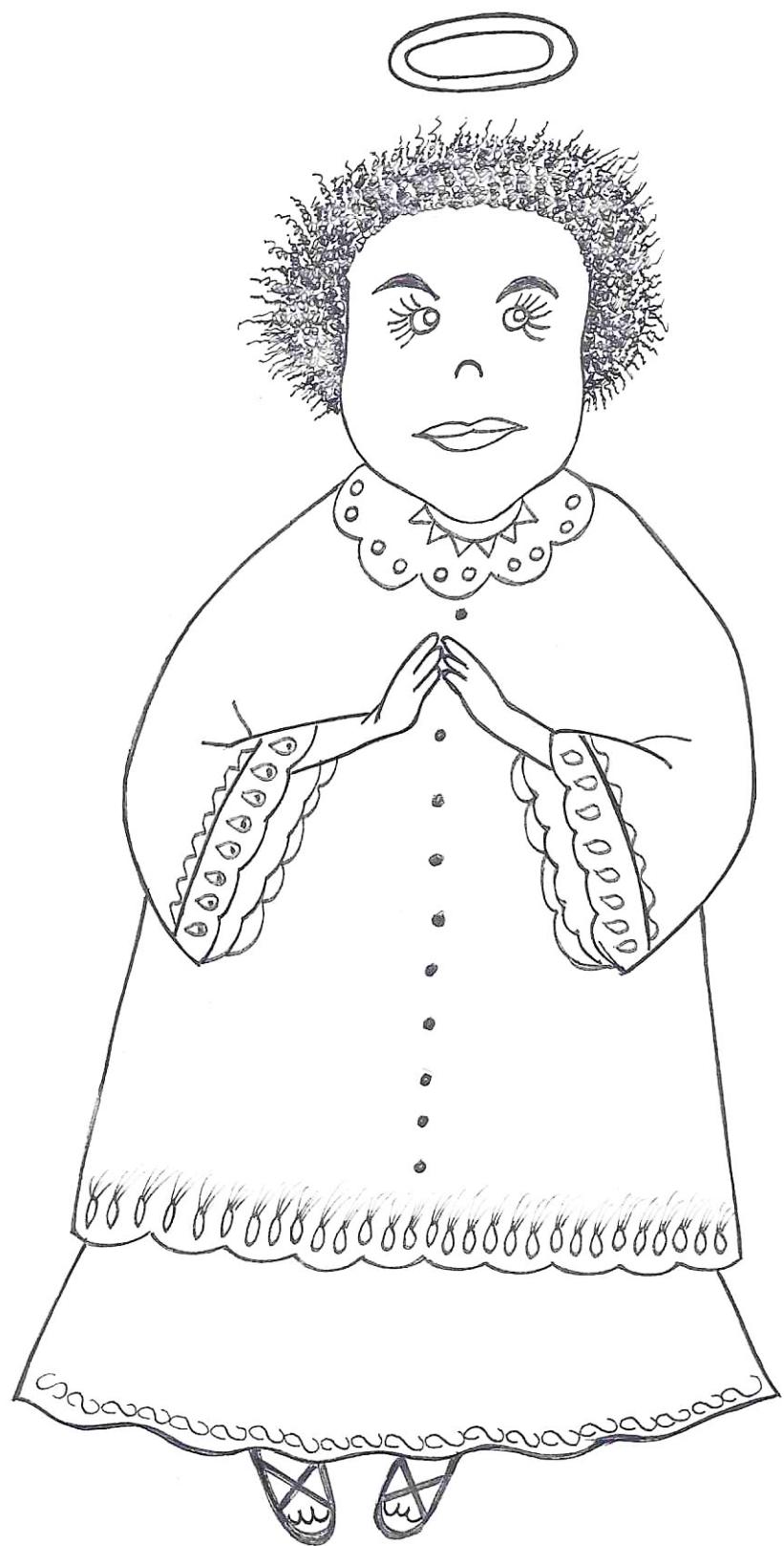








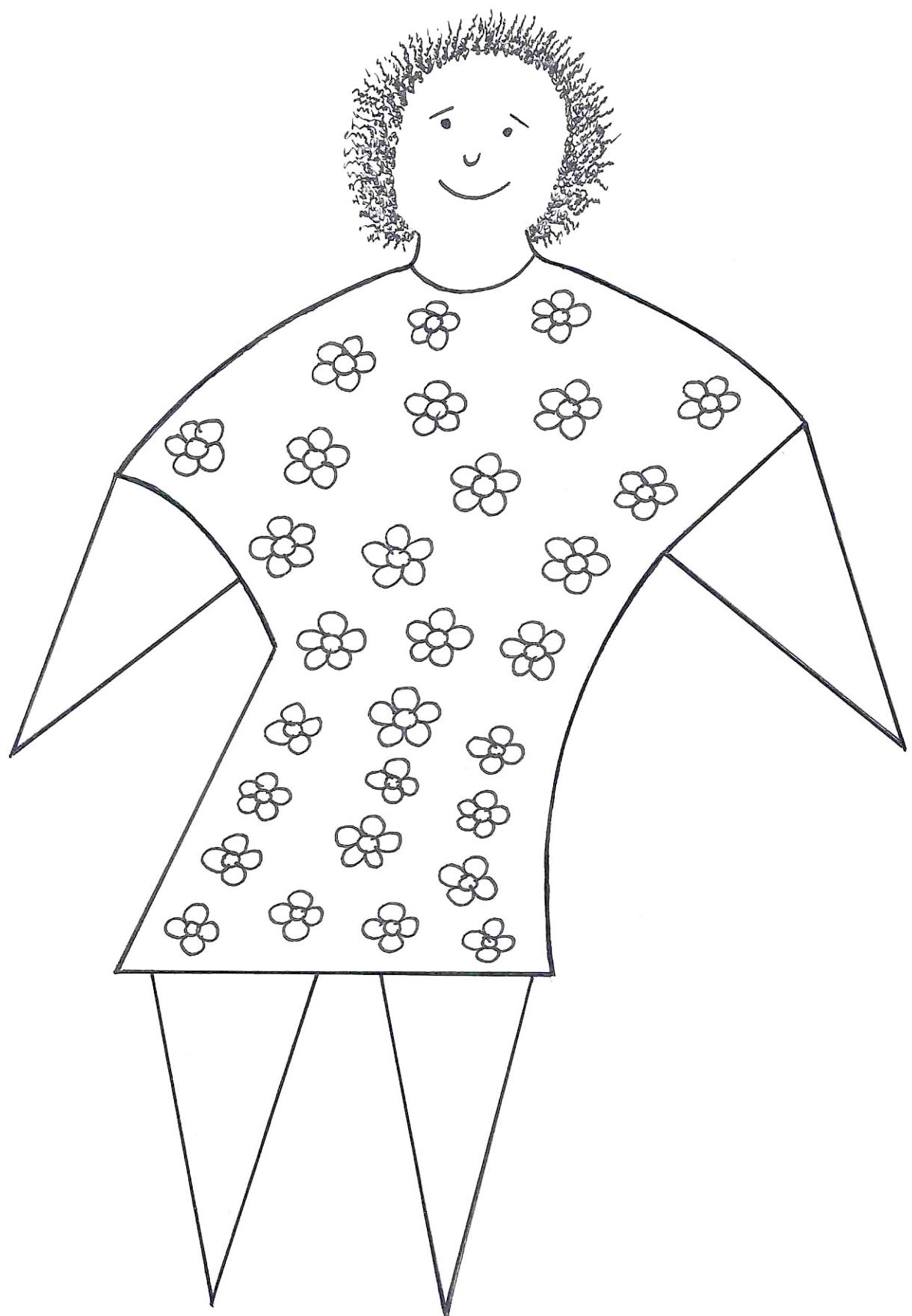


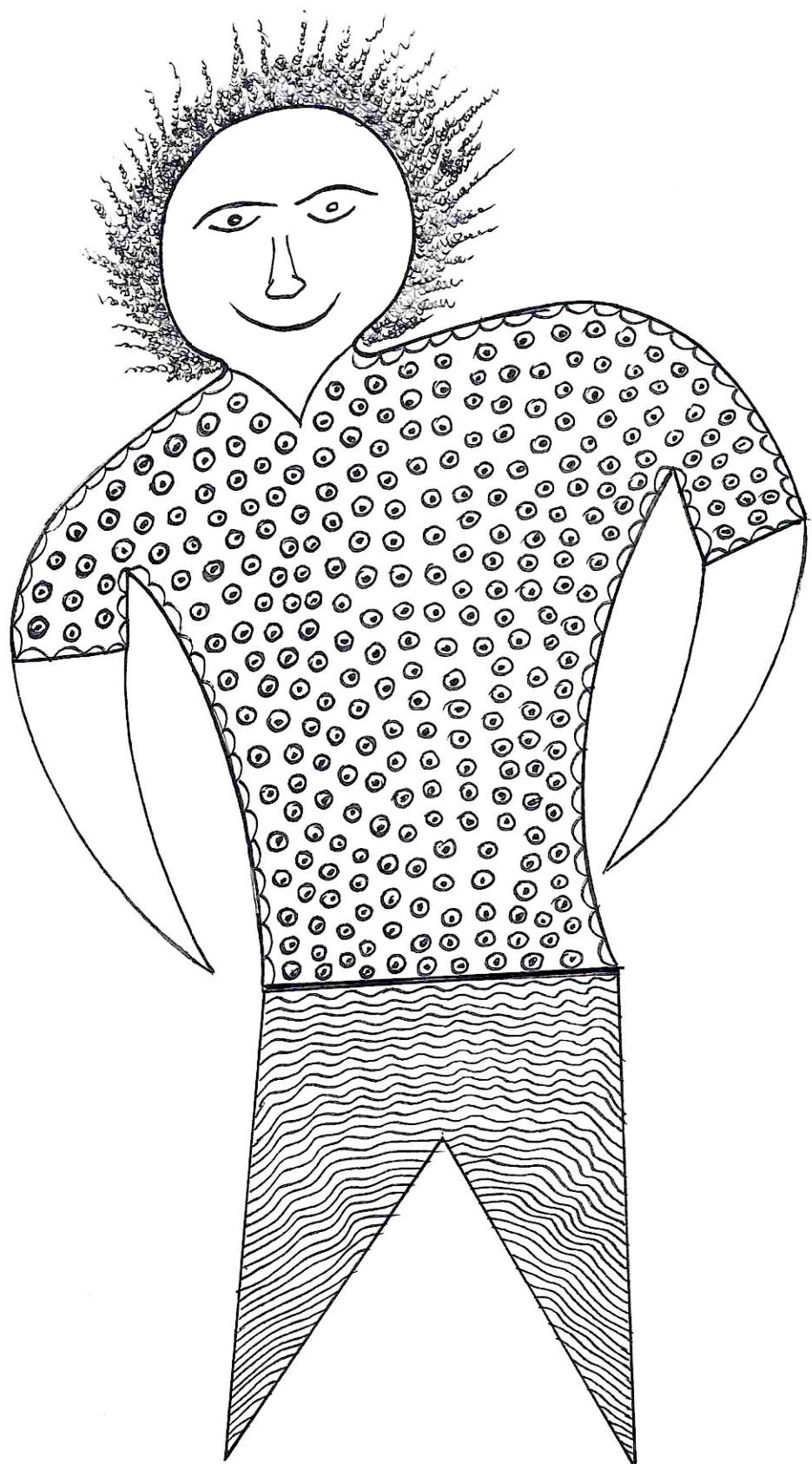


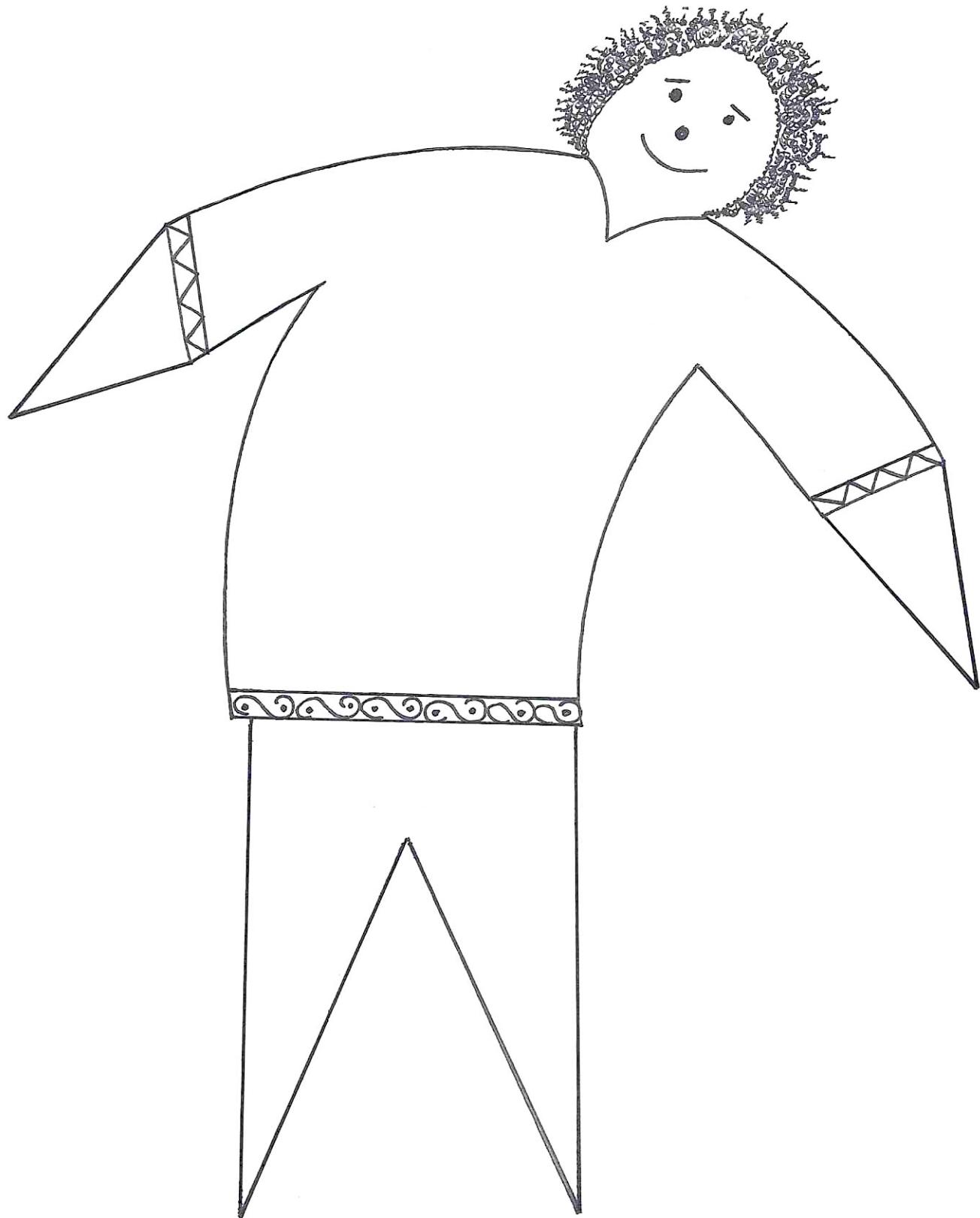


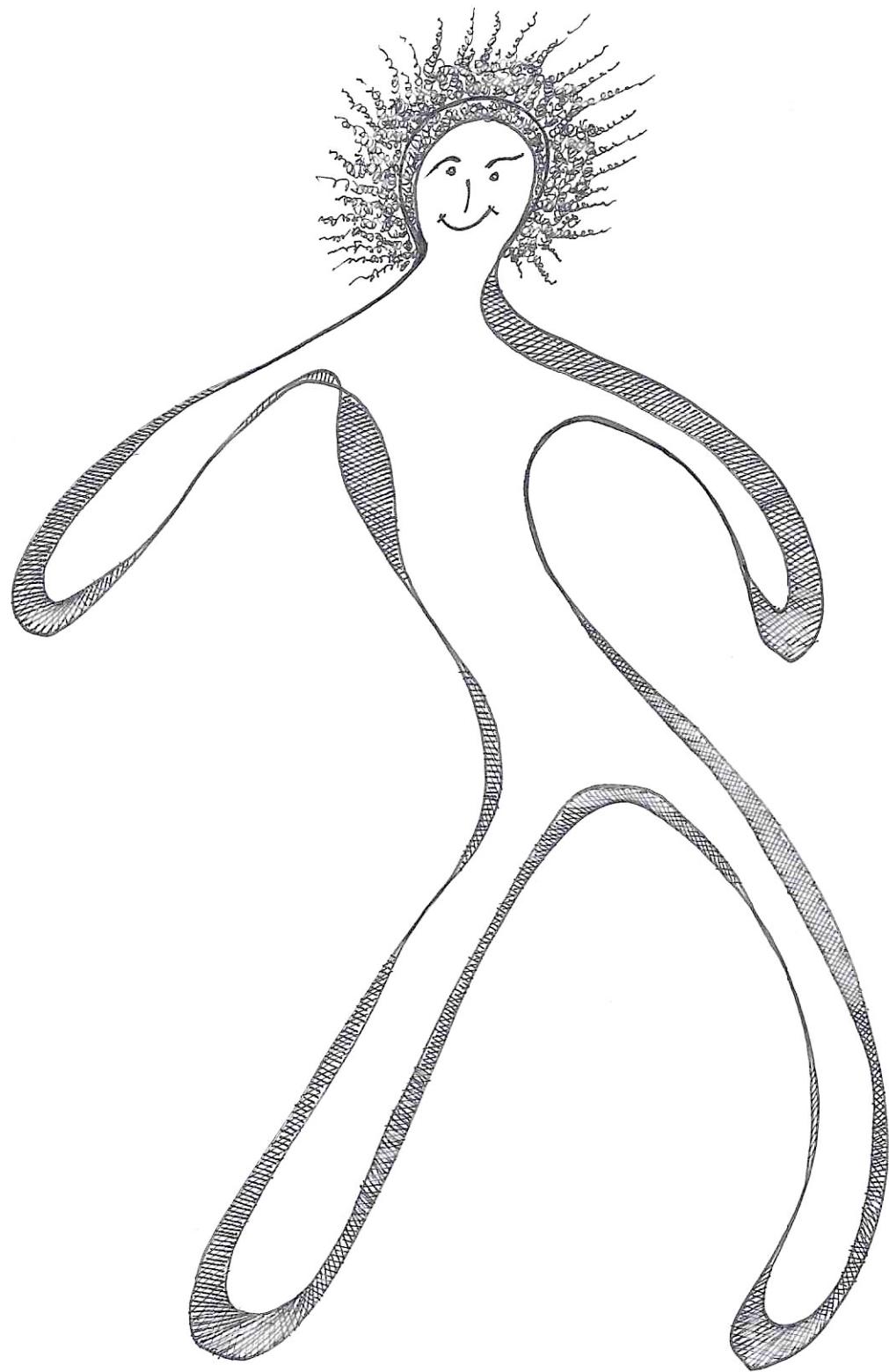


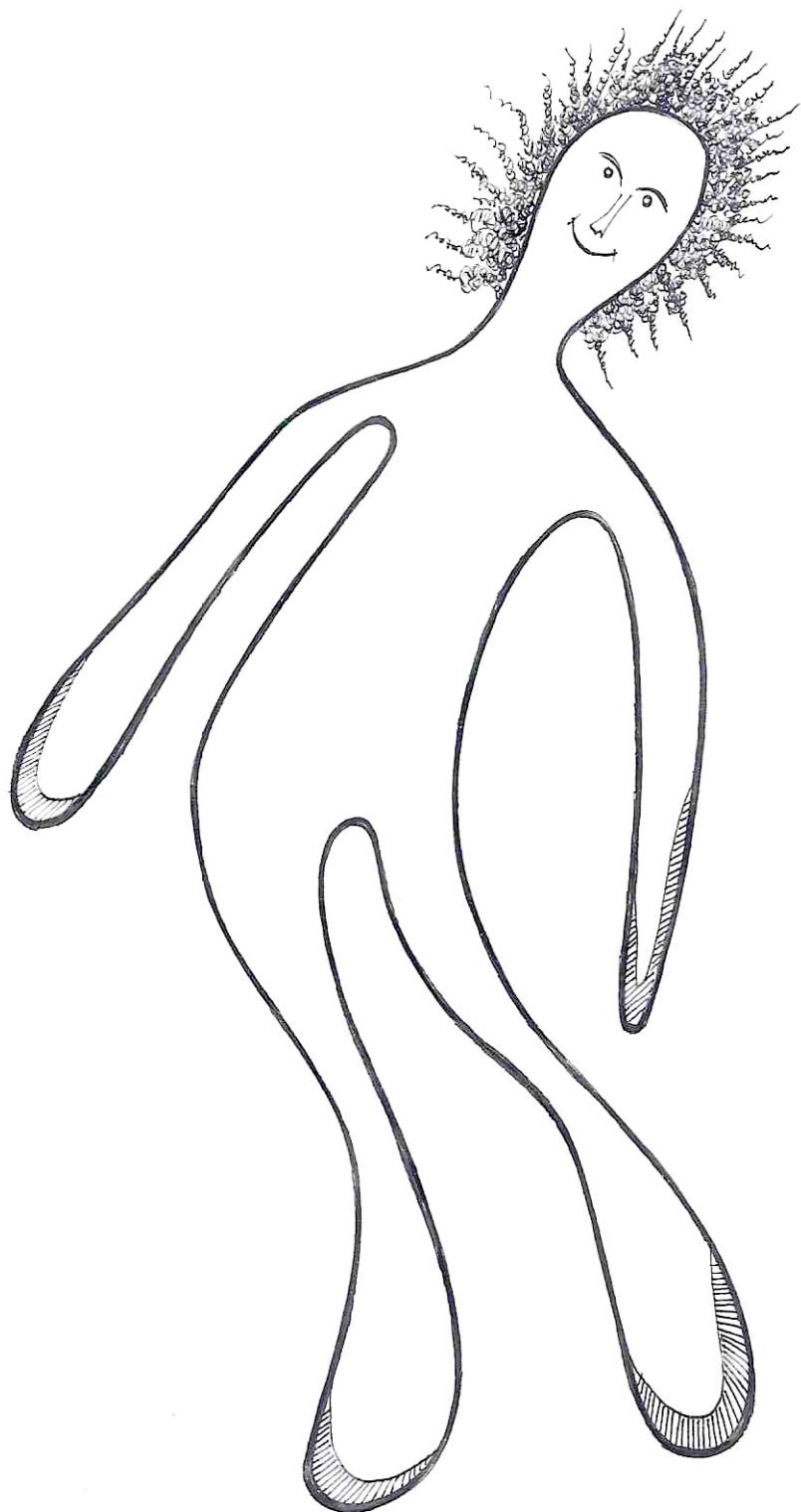


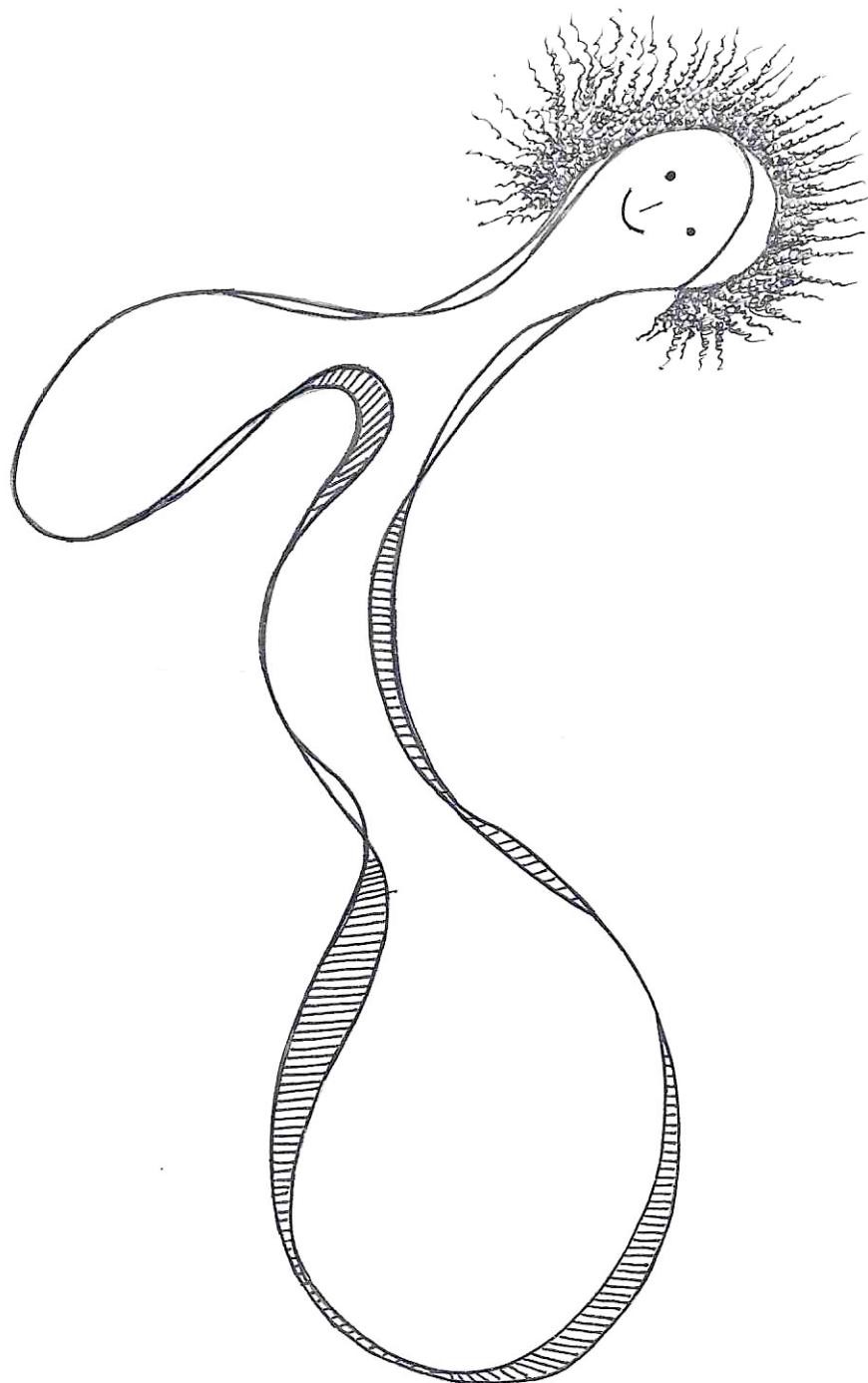


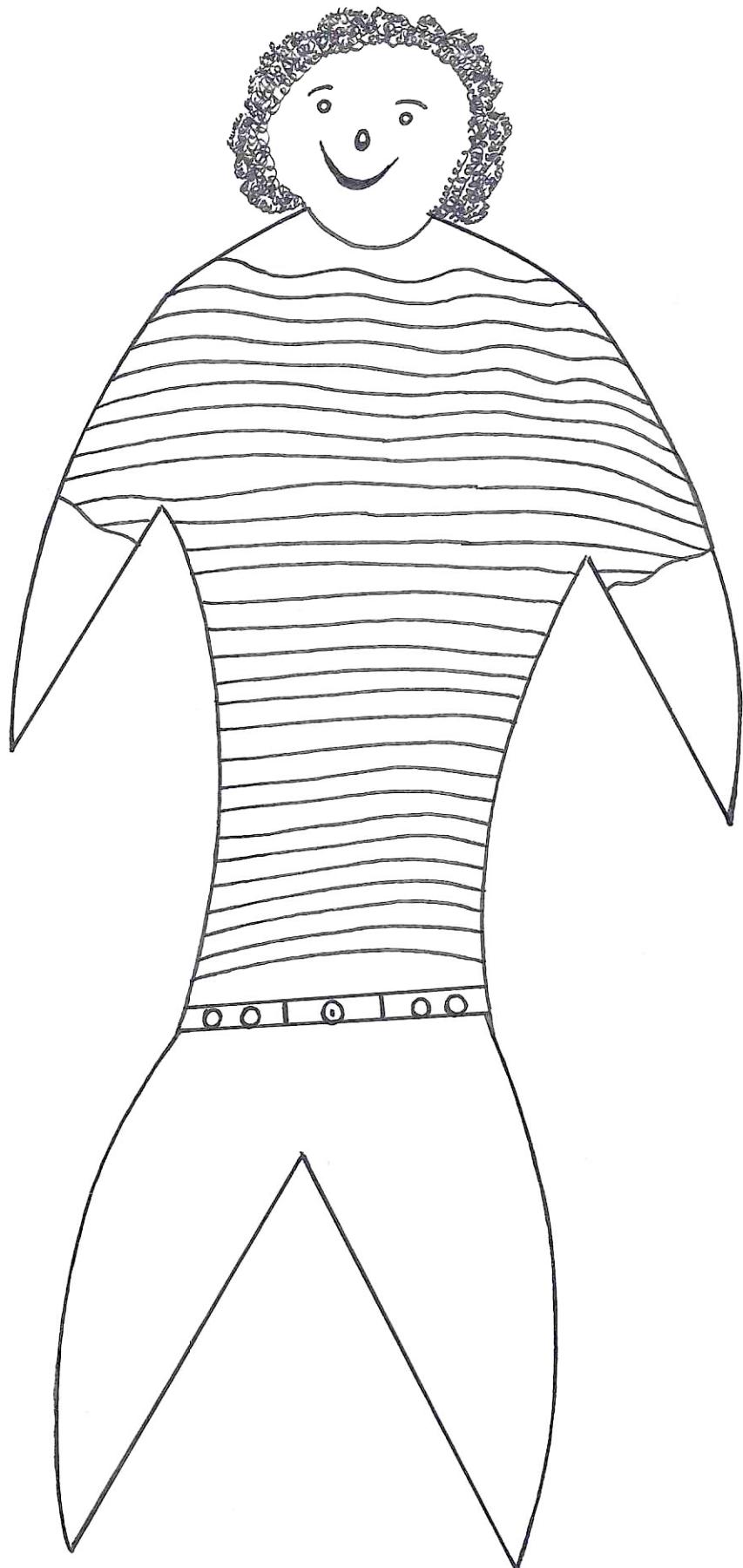


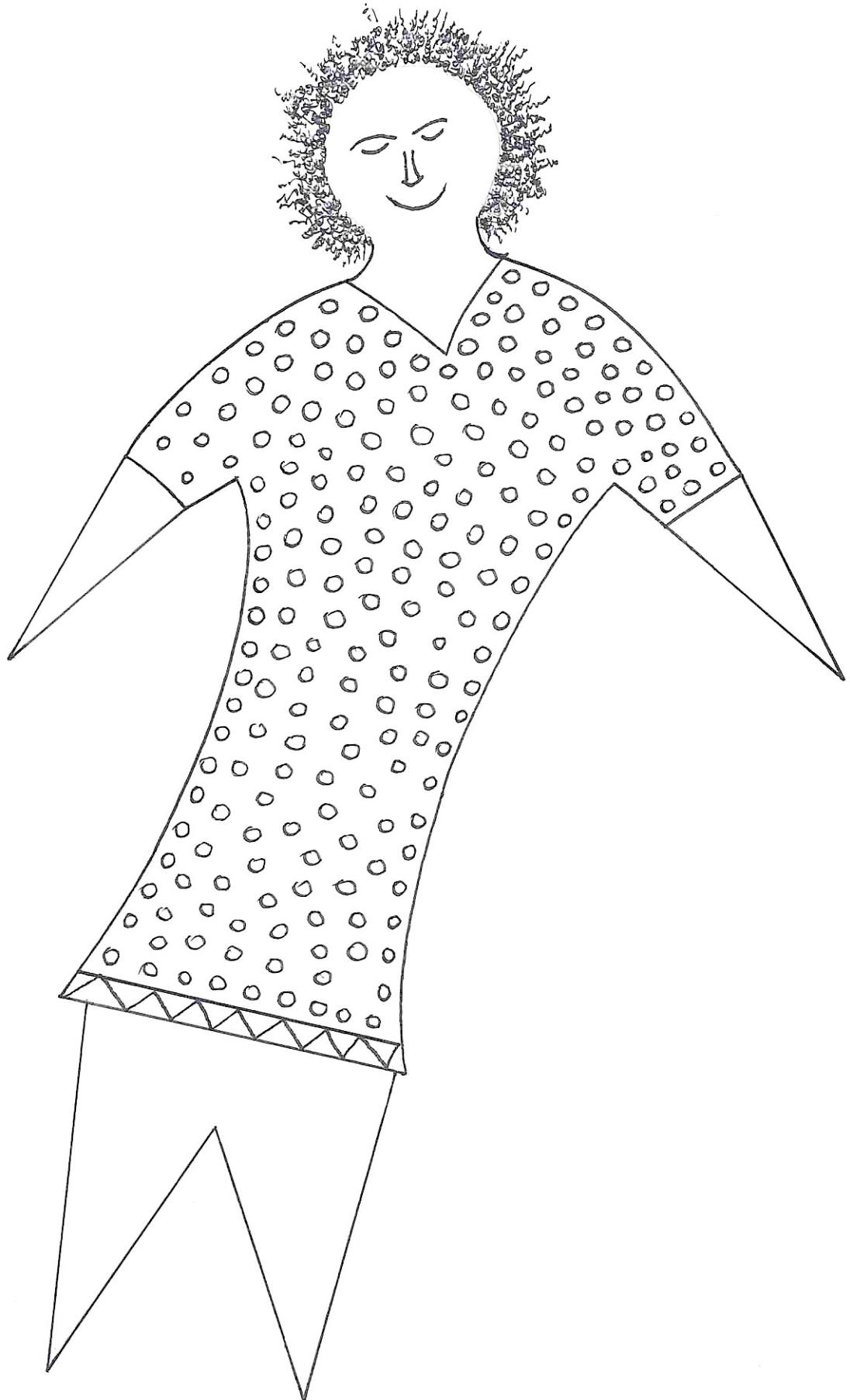


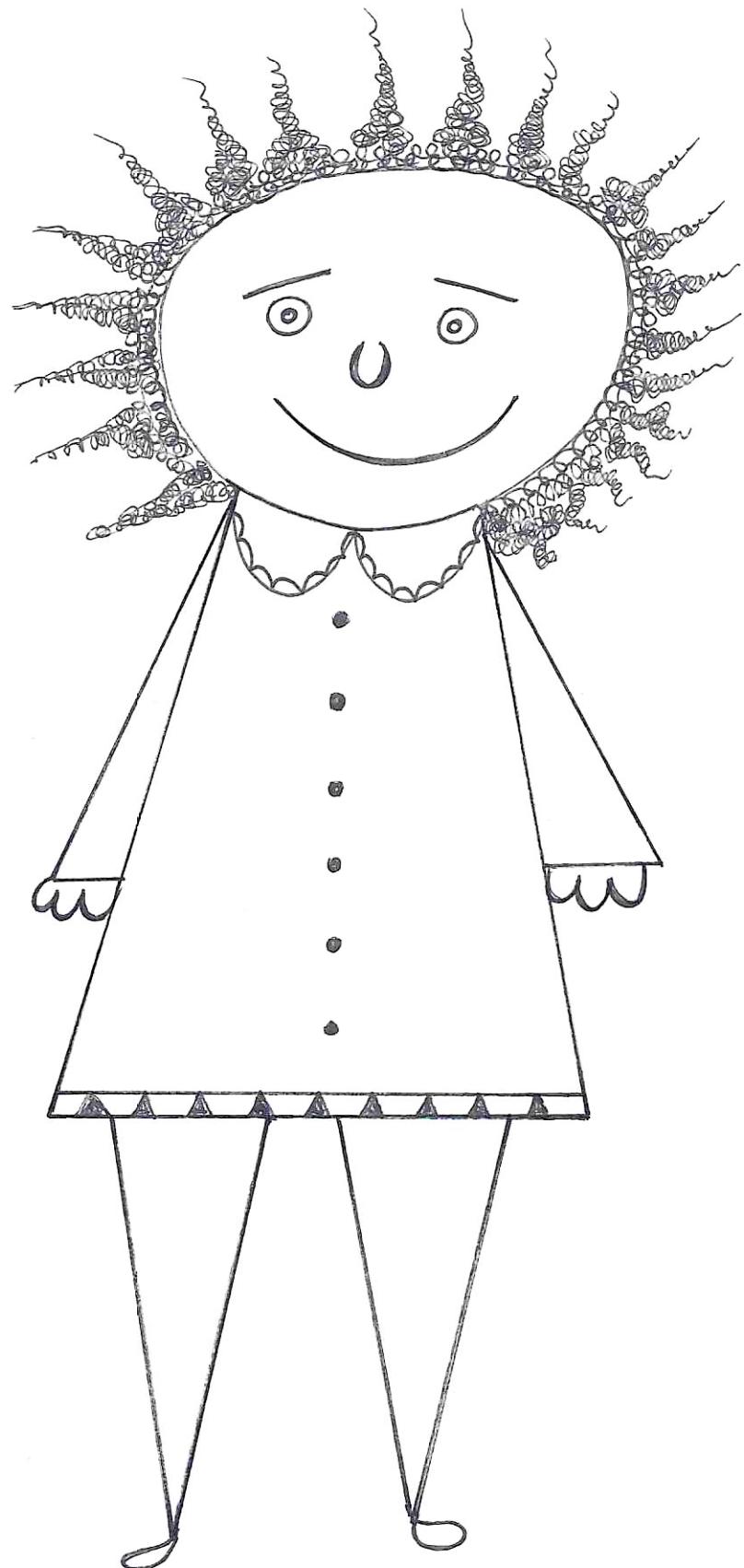


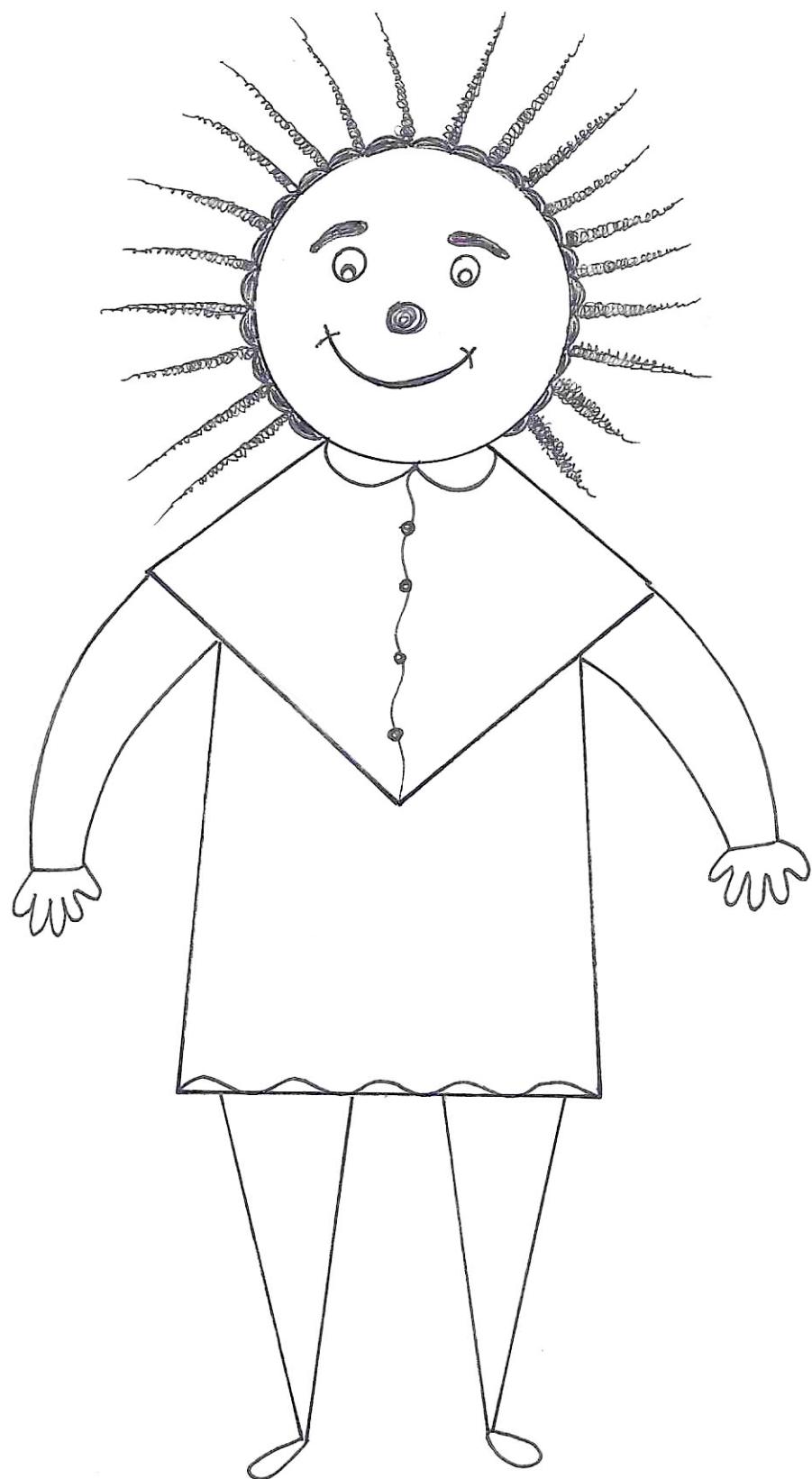


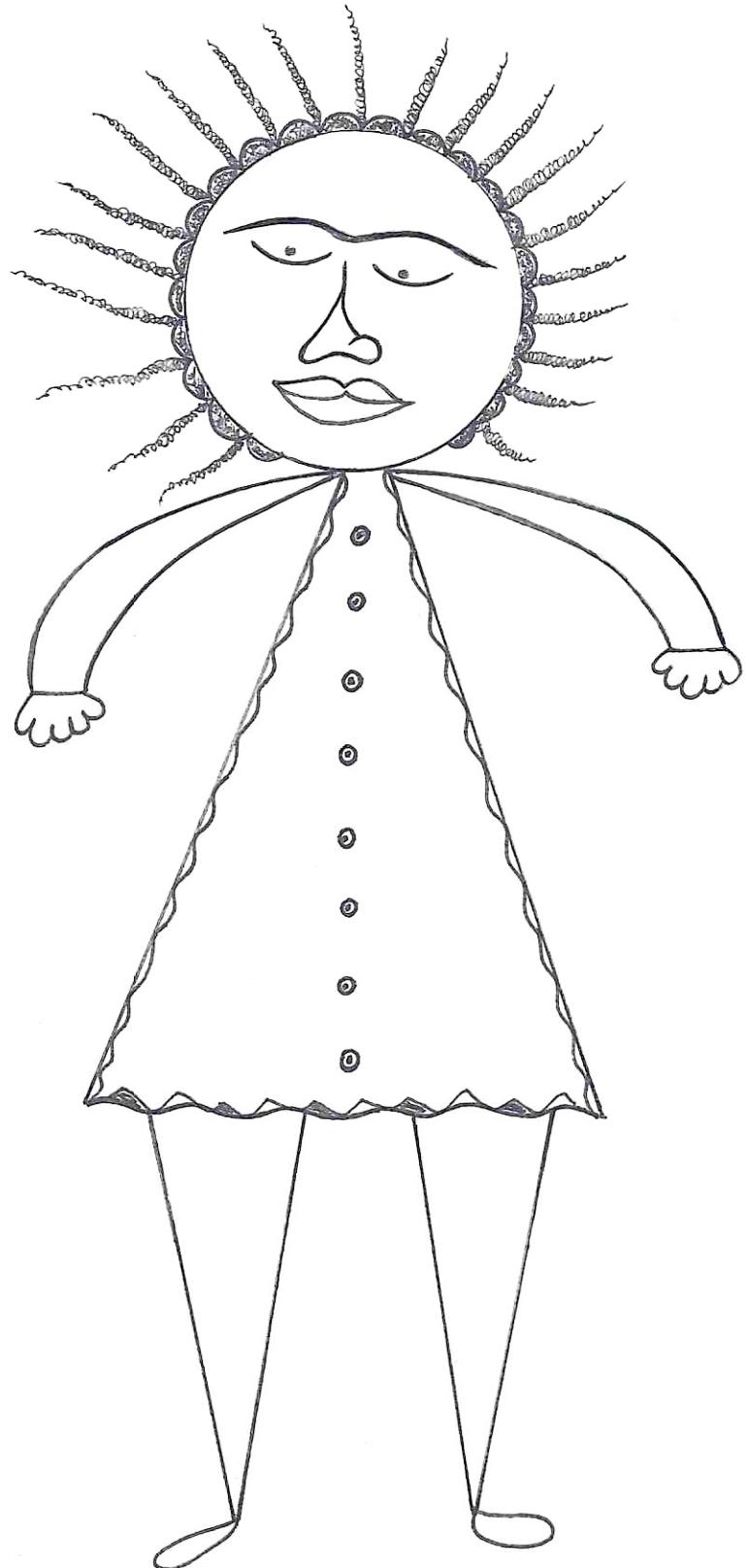


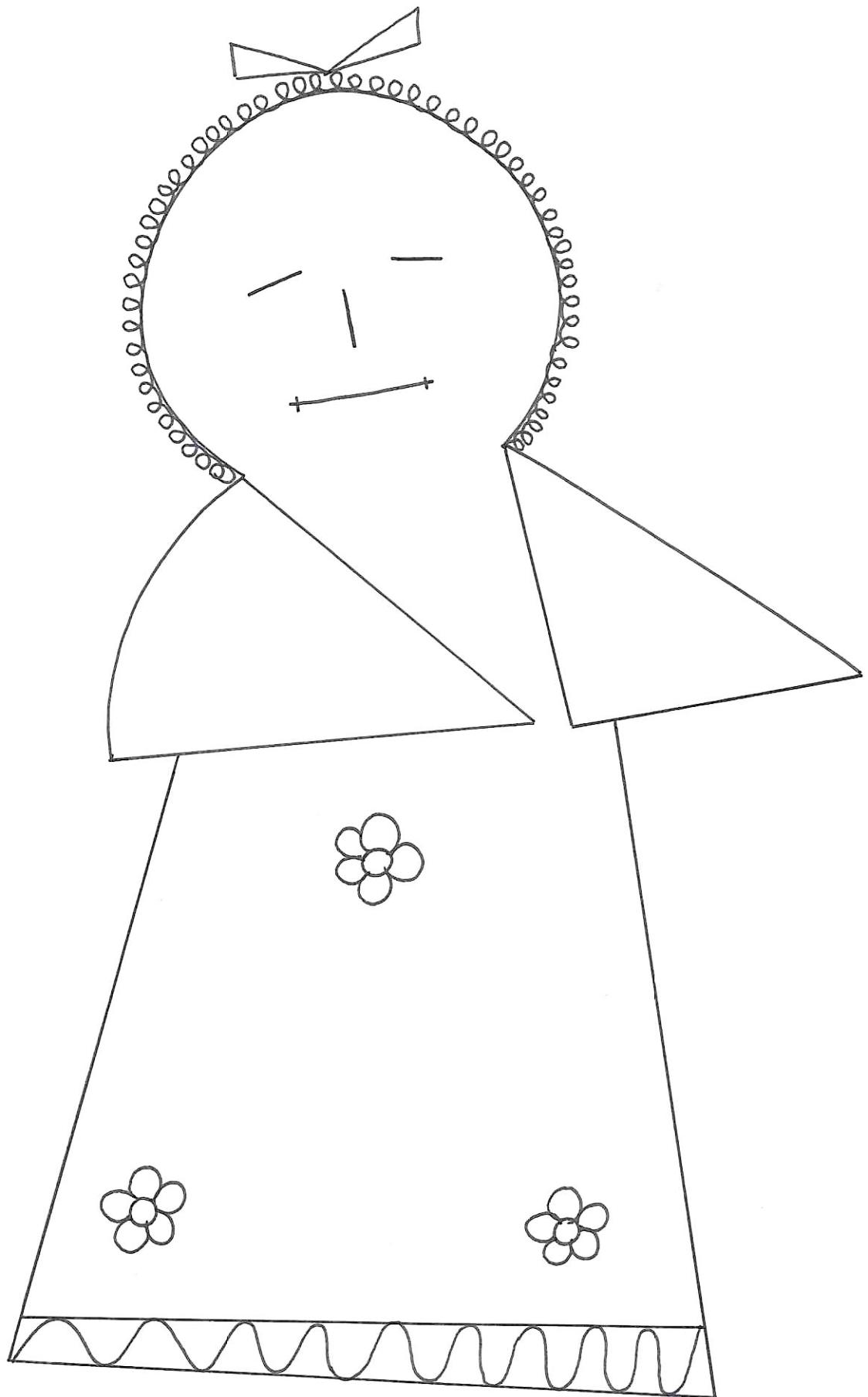


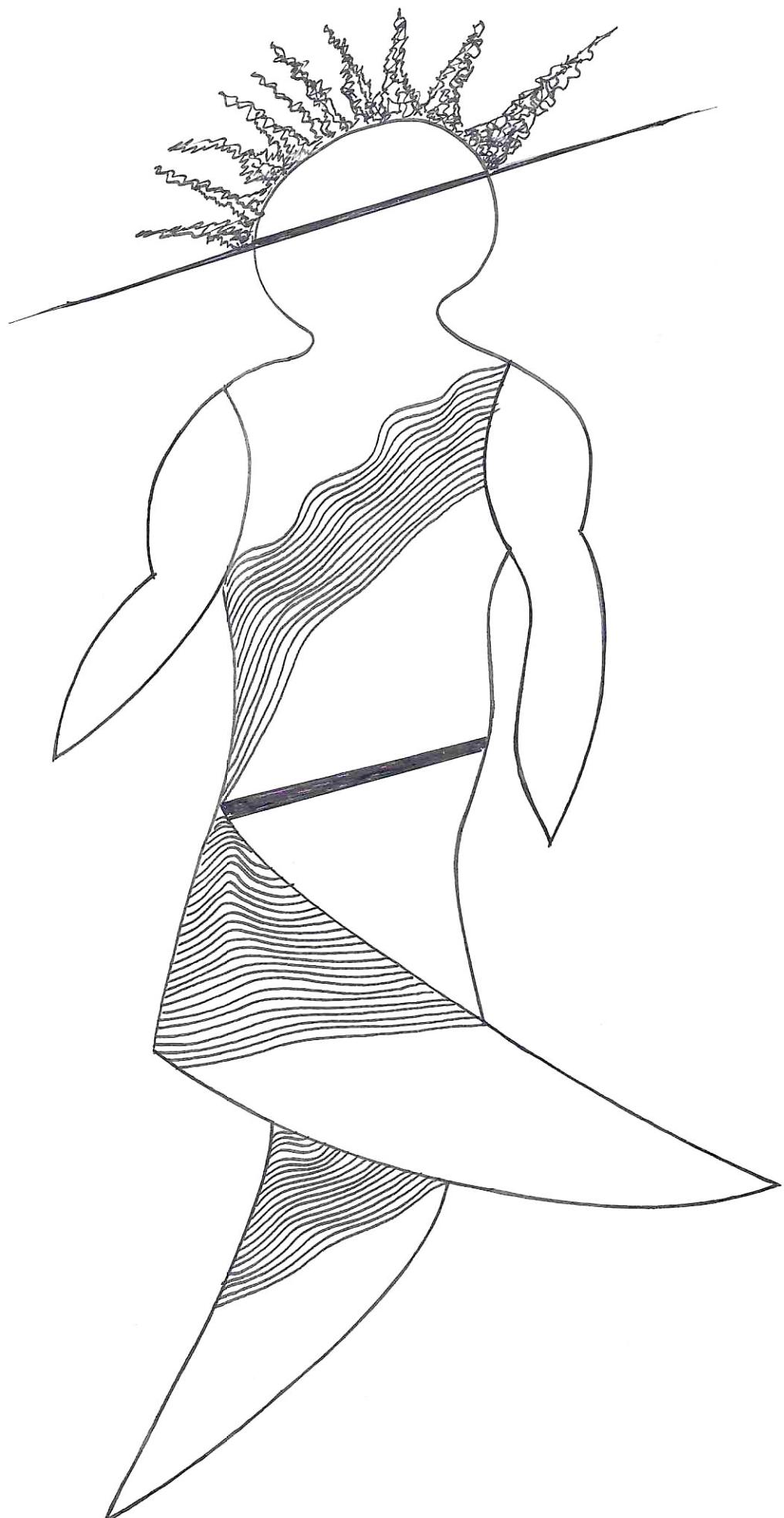








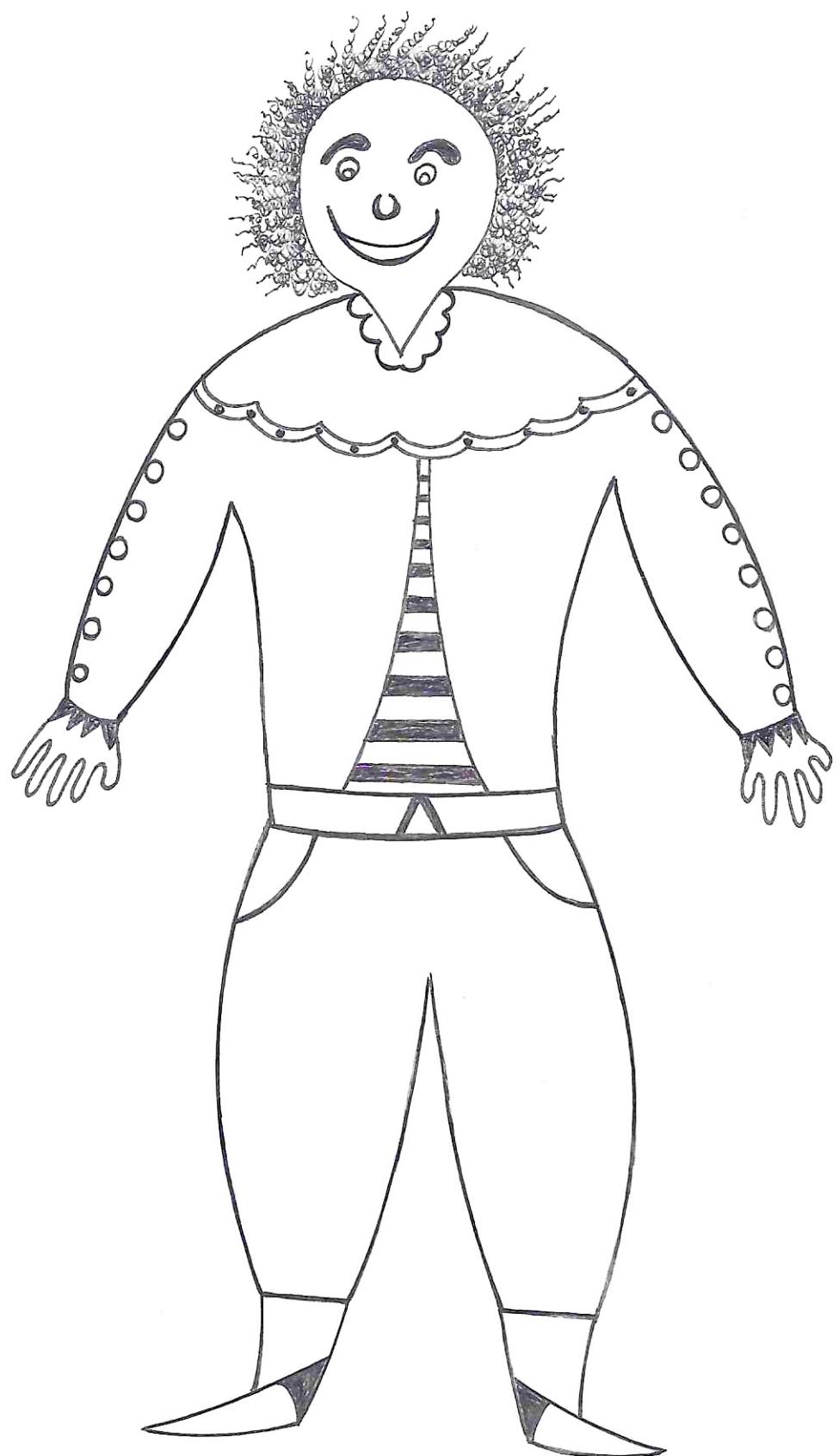


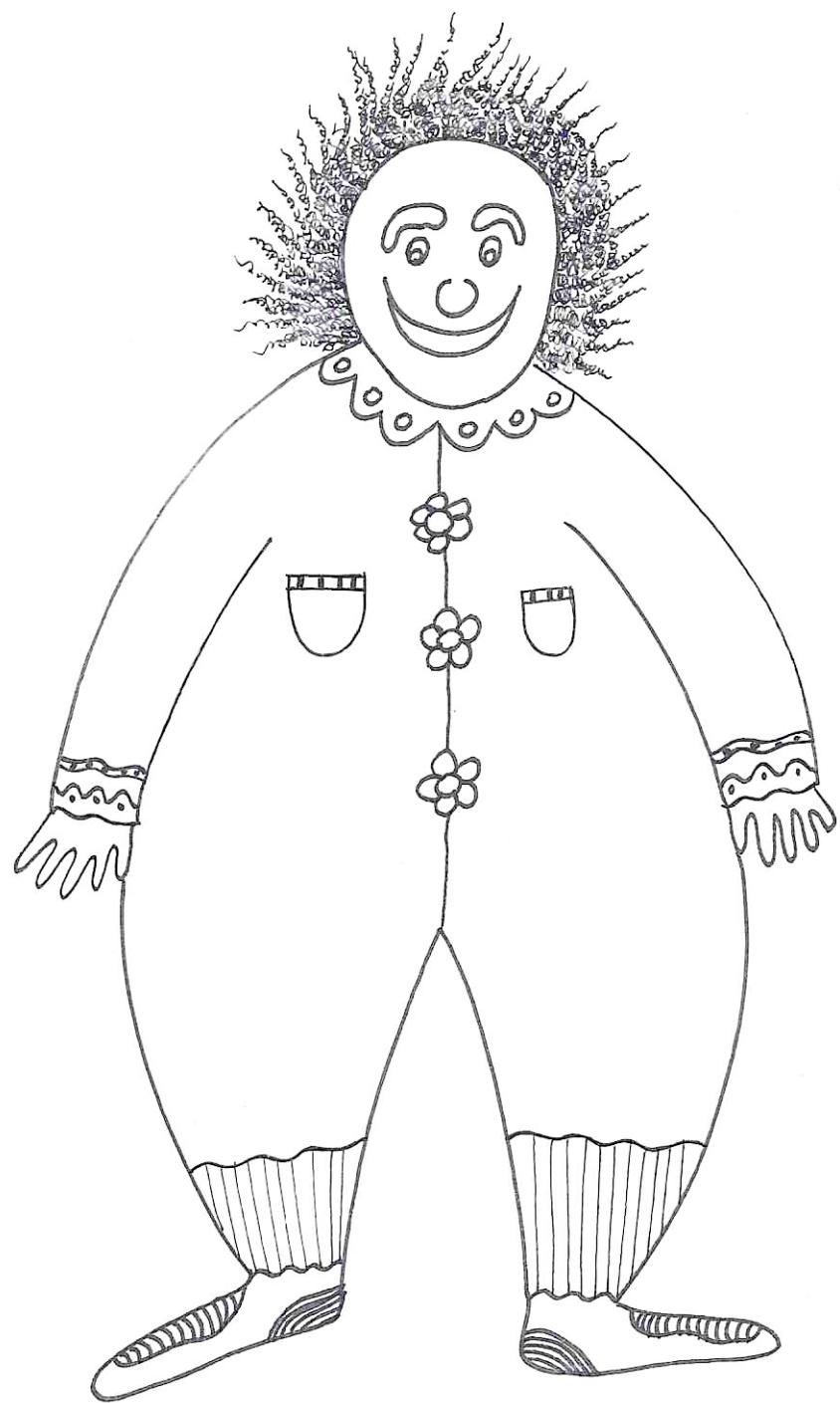


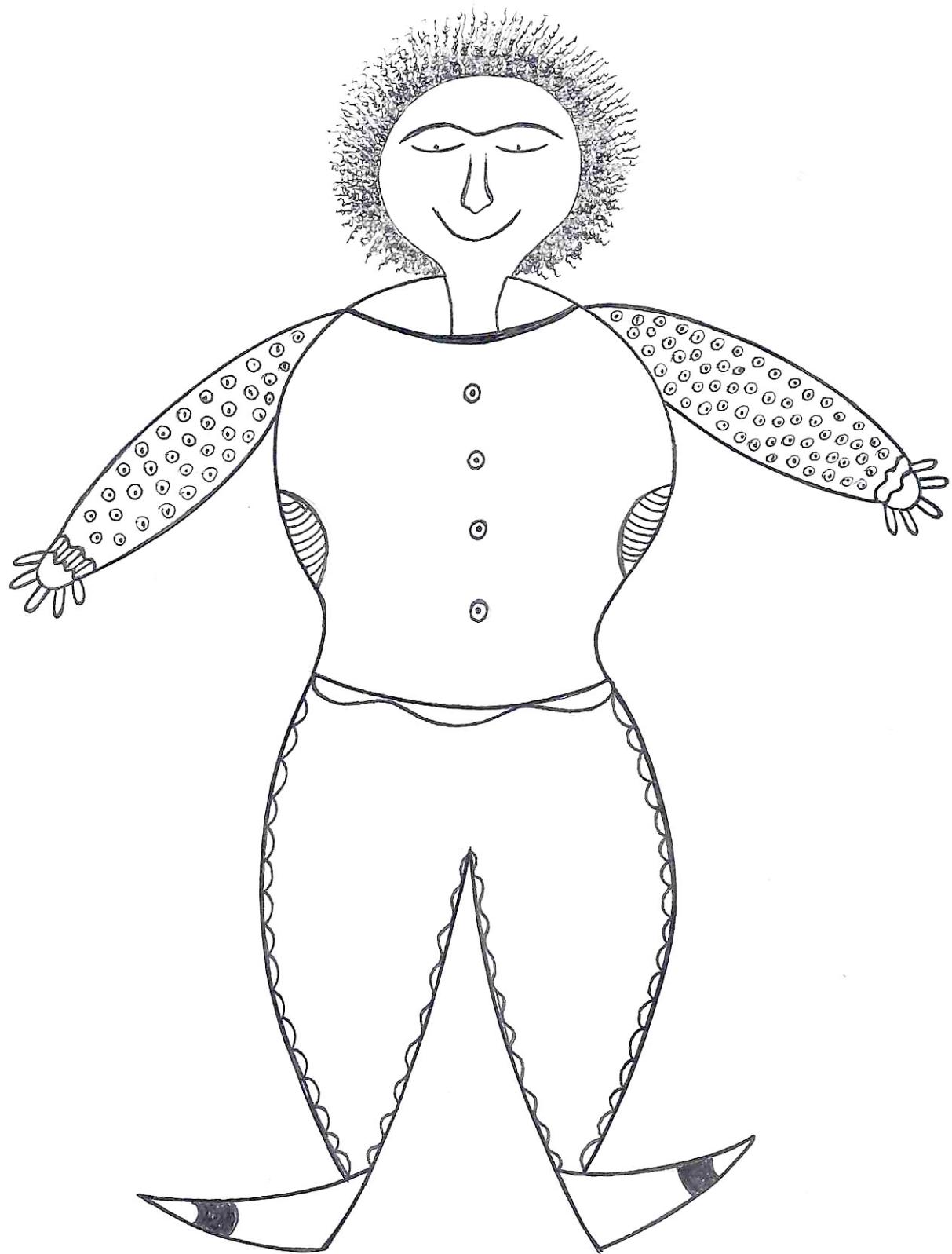
MAUC para colorir

31

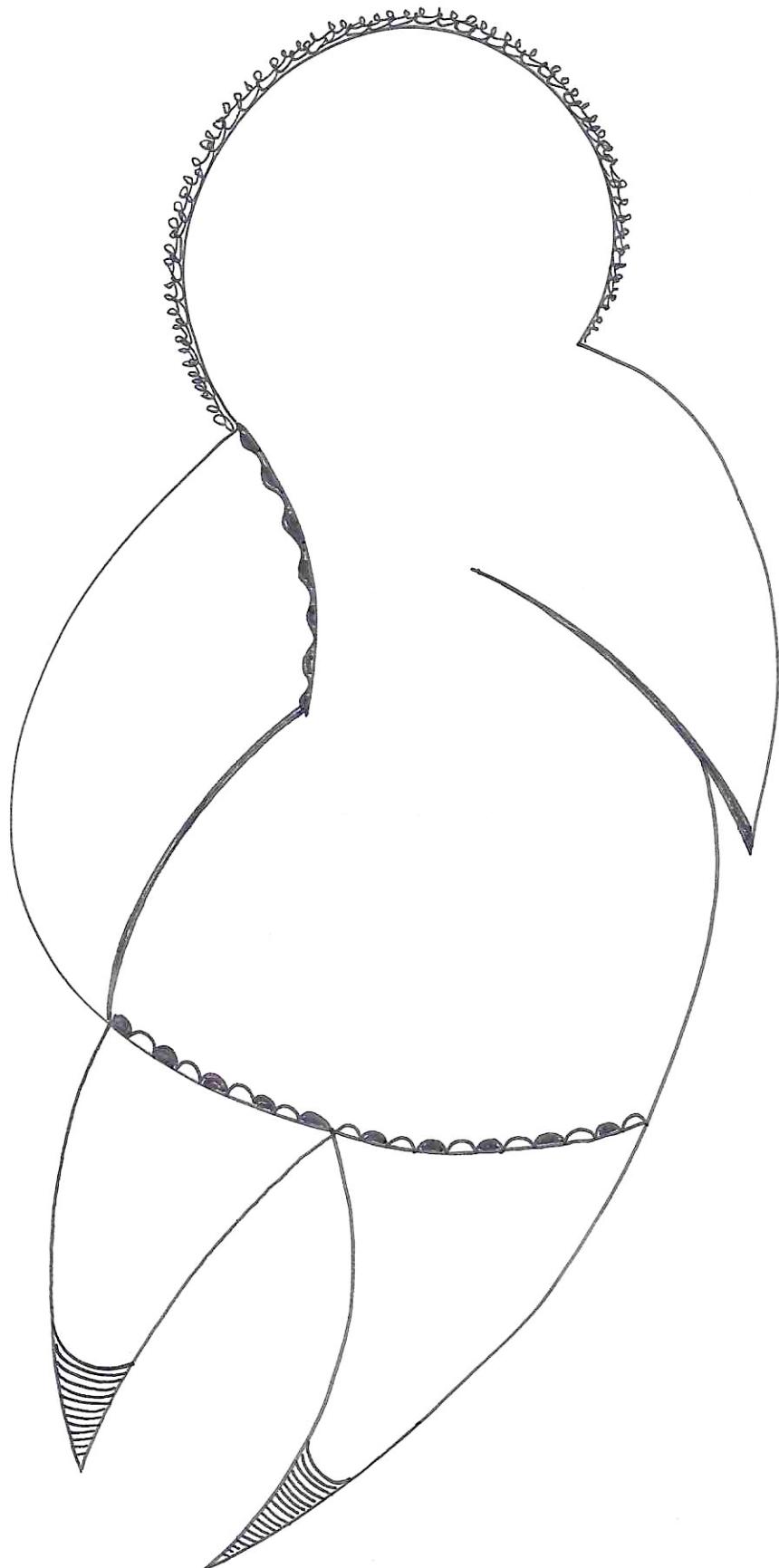






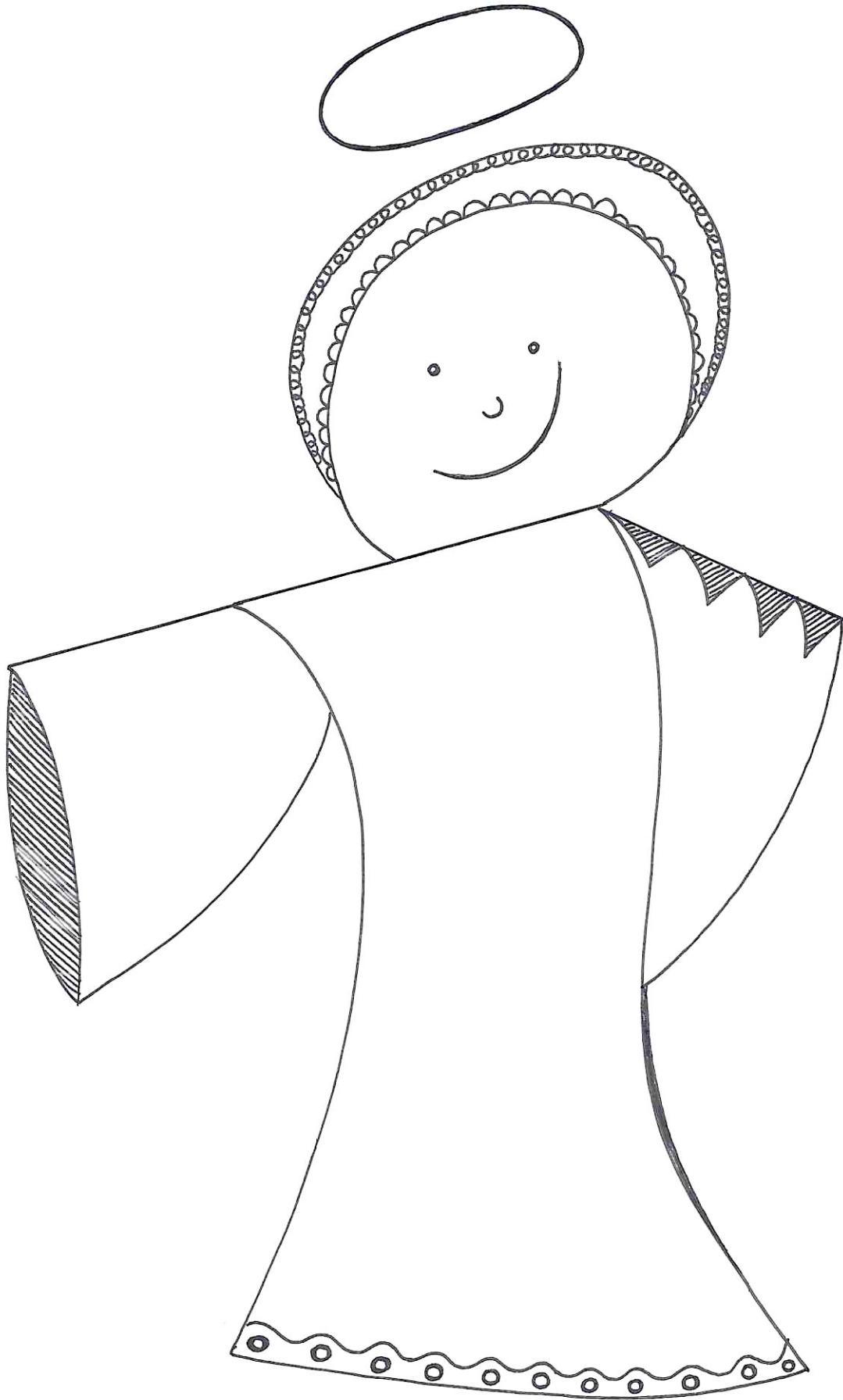


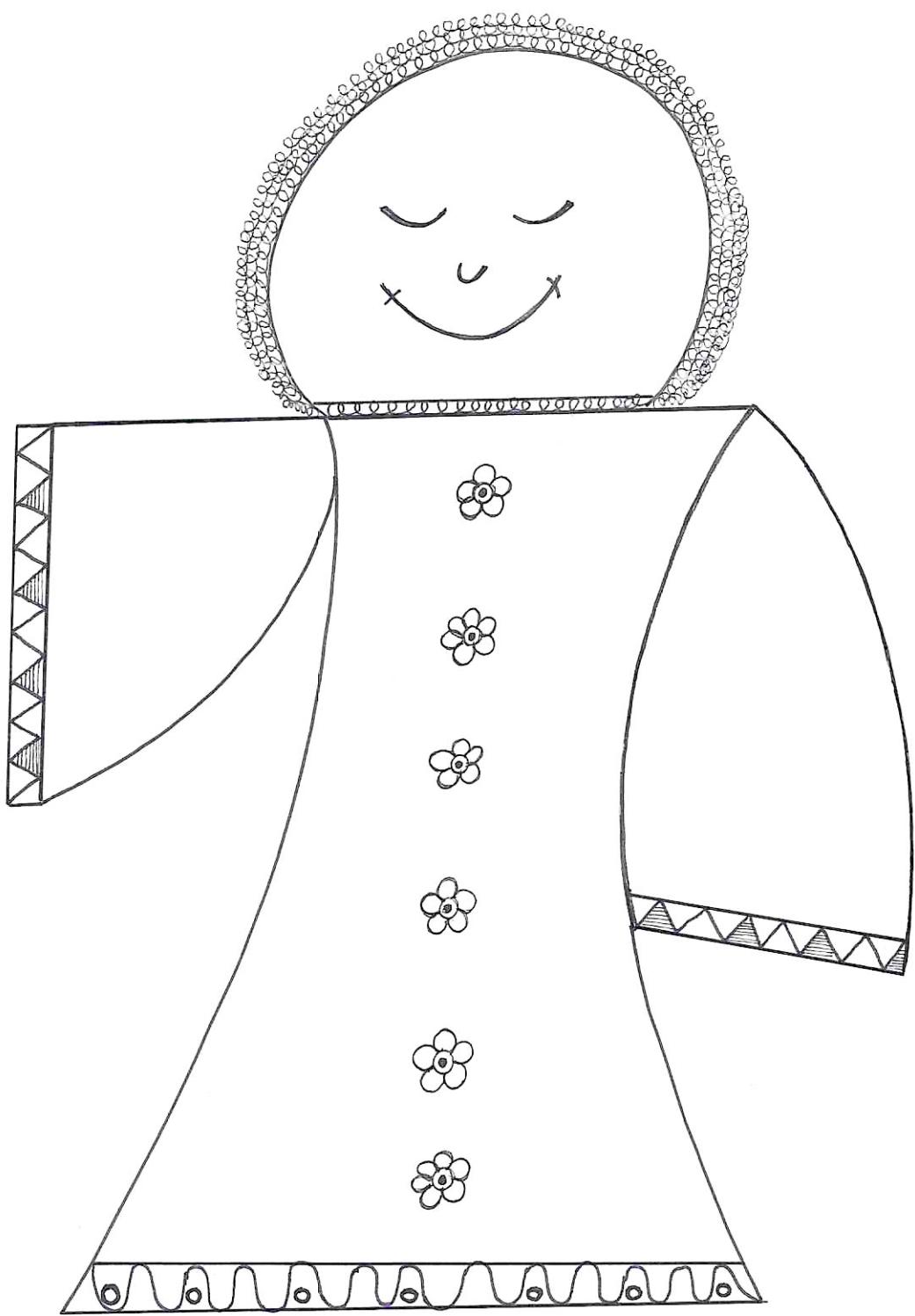




MAUC para colorir

37





**Agora é sua vez! Faça aqui o seu desenho
para colorir!**

Vamos agora conhecer nosso artista-ilustrador



Francisco Antônio Araújo Bandeira, nascido em Fortaleza (1963), é servidor técnico-administrativo lotado no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará e responsável pela Oficina de Gravura Mestre Noza. Gravador, pintor, fotógrafo, arte-educador e jornalista, Francisco possui graduação em Pedagogia e pós-graduação em Arte-Educação.

Estudou gravura com Carlos Martins, Nauer Spíndola e Mariana Quito e foi professor de fotografia na Faculdade Nordeste (FANOR), além de ter ministrado cursos de gravura na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e em outras instituições. Em 1997, representou o Brasil na 22ª International Biennial of Graphic Art de Ljubljana na Eslovênia. Atualmente, integra o Grupo MATRIX (Fortaleza) e o Grupo Ita-Quatiara (Recife) e suas obras fazem parte dos acervos do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura (Fortaleza), Museu da Gravura (Curitiba), Fundação Joaquim Nabuco (Recife).

Principais exposições:

1994 - 1º Bienal da Gravura de São José dos Campos. Galeria do Senac, São José dos Campos/SP, Brasil.

1995 - Gravadores Cearenses D'Après Albrecht Dürer. Centro de Artes Visuais Raimundo Cela, Fortaleza/CE, Brasil.

1997 - 22º International Biennial of Graphic Art. Ljubljana, Slovênia.

2004 - Mostra de Artistas Plásticos Cearenses no Maranhão. Galeria Mauro Soh, Imperatriz/MA, Brasil.

2006 - II Bienal Internacional Ceará de Gravura. Museu de Arte Contemporânea do CDMAC. Fortaleza/CE, Brasil.

2014 - GGMQ + Outros. Centro Cultural BNB. Fortaleza/CE, Brasil. **UNS**, Estação Cabo Branco de Ciências, Cultura e Artes. João Pessoa/PB, Brasil.

2015 - MATRIX expõe: gravura e experimentos. Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE, Brasil. **SP-Estampa.** Galeria Gravura Brasileira, São Paulo/SP, Brasil.

2016 - Hidro-Gráficas - exposição de gravuras. Centro Cultural BNB. Fortaleza/CE; Biblioteca Municipal de Barreiro, Portugal. **CONTER.** Sobrado José Lourenço. Fortaleza/CE, Brasil.

2018 - Hidro-Gráficas - exposição de gravuras. Maumau Galeria. Recife/PE, Brazil

2019 - Hidro-Gráficas - exposição de gravuras. Torre Malakoff, Recife/PE, Brasil.

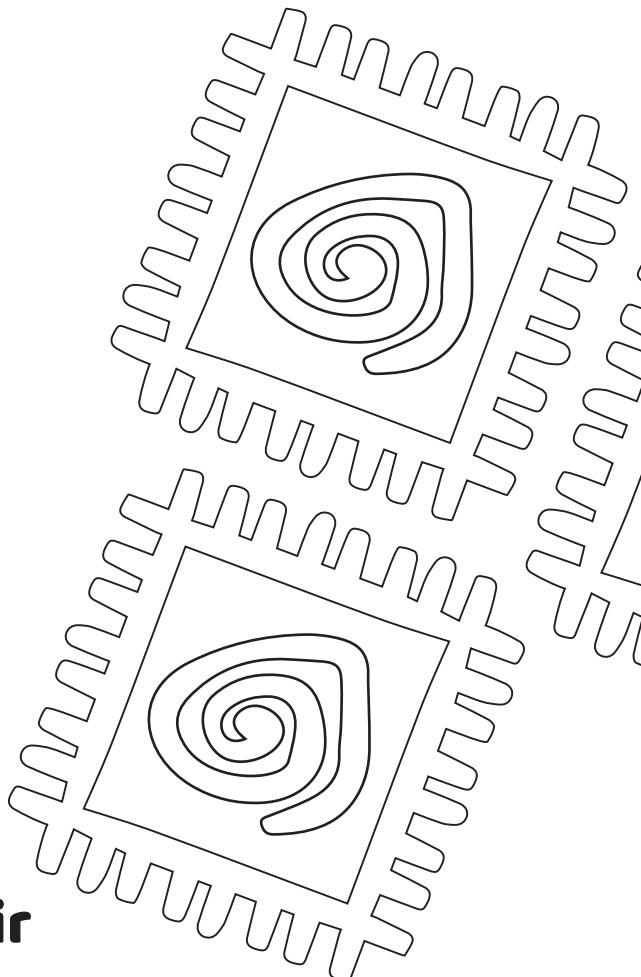
Novos Olhares para Monalisa: Entre o POP e o Contemporâneo. Museu da Indústria. Fortaleza/CE, Brasil. **Fête del'Estampe.** França

Principais premiações:

2004 - Grande Prêmio UNIFOR de Artes Plásticas e no 55º Salão de Abril, Fortaleza.

1995 - Prêmio Aquisição no I Salão Norman Rockwell, Fortaleza, 1995

1995 - Menção Honrosa no 46º Salão de Abril, Fortaleza.



MAUC



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Gabinete do Reitor
Pró-Reitoria de Extensão
Projeto de Extensão: Museu de Arte: uma
Nova Recepção Estética